



DESEMPAREAMENTO DA ESCOLA

Uma experiência construída no cotidiano da rede municipal de ensino de Jundiaí

DESEMPAREAMENTO DA ESCOLA





DESEMPAREDAMENTO DA ESCOLA

Uma experiência construída
no cotidiano da rede municipal
de ensino de Jundiaí



Copyright © 2024

Prefeitura Municipal de Jundiá – Unidade de Gestão de Educação.

Todos os direitos estão reservados. Proibida a reprodução total ou parcial desta obra.

Iniciativa e organização geral – Gestora Municipal de Educação

Prof.ª Ma. Vastí Ferrari Marques

Organizadores da obra – Equipe Técnica da Unidade de Gestão de Educação

Prof.ª Ma. Vastí Ferrari Marques

Prof.ª Camila Buoço

Prof.ª Ma. Camila Corrêa Moura

Prof.ª Camila de Paula Souza Pinto

Prof.ª Carolina Copelli Tamassia Ricci

Prof.ª Cássia Alessandra Pereira Santos

Prof.ª Cíntia Patrícia Cruz Scarone

Prof.ª Ma. Cícera Aparecida Escoura Bueno

Prof.ª Débora Vito Vieira Avanço

Prof.ª Eliana Aparecida da Silva Corradin

Prof.ª Fabiana Alberto Congilio

Prof.ª Fabiana Rinco Pedroso

Prof.ª Fabiane Lucia Pinto Bolsari

Prof.ª Fernanda da Costa Mesquita Soares

Prof.ª Fernanda Megnelli Teodoro da Silva

Prof.ª Dr.ª Flávia Simões de Moura

Prof.ª Lígia Fernanda da Silva Batista

Prof.ª Marcela Fernanda de Souza A. Giarretta

Prof.ª Dr.ª Marjorie Samira Ferreira Bolognani

Prof.ª Maria Aparecida Rigonato

Prof.ª Mayce Morini Gragnani

Prof.ª Sílvia Cristina Magalhães

Prof.ª Thais Silva Nonô

© Diálogos Embalados

Rua Boa Esperança, 106 - Tatuapé

03408-000 - São Paulo - SP

Gestão Editorial

Ana Paula Piti Azevedo

Telma Holanda

Coordenação Editorial

Ana Paula Piti Azevedo

Conselho Editorial

Ângela Castelo Branco (Brasil); António Nóvoa (Portugal); Cleide Terzi (Brasil); Fábio Monteiro (Brasil); Luciana Alves (Brasil);

Monica Guerra (Itália); Paulo de Camargo (Brasil); Paulo Fochi (Brasil); Renata Araujo (Brasil)

Projeto Gráfico

Eska Design

Revisão

Jakê Kånashiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Educação, Jundiá (SP). Prefeitura. Unidade de Gestão de Educação
Desemparelamento da escola : uma experiência construída no
cotidiano da rede municipal de ensino de Jundiá / Prefeitura do
município de Jundiá ; organização Vastí Ferrari Marques. -- 1.
ed. -- São Paulo : Diálogos Embalados, 2024.

Vários organizadores.

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-985359-1-9

1. Cidadania 2. Educação 3. Escolas municipais - Jundiá (SP) 4. Políticas educacionais 5. Prática pedagógica 6. Desemparelamento da Escola, Metodologia I. Marques, Vastí Ferrari. II. Título.

24-239137

CDD-371

Índices para catálogo sistemático:

1. Escolas : Educação 371

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Diálogos Embalados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Impresso no Brasil

2024

SAC (11) 2613-0512 / (11) 11 993629541

atendimento@dialogosviagenspedagogicas.com.br

dialogosembalados.com.br



Prefeitura Municipal de Jundiá – Unidade de Gestão de Educação – (UGE)

Gestão Municipal de Jundiá – SP (2021 – 2024)

Prefeito: Luiz Fernando Arantes Machado

Unidade de Gestão de Educação

Gestora da Unidade:

Prof.ª Ma. Vastí Ferrari Marques

Gestora Adjunta da Educação:

Prof.ª Tânia Regina Roveri do Amaral Gurgel

Gestor Adjunto Institucional:

Prof. Mário Eugênio Simões Onofre

Diretora do Centro de Línguas e de Tecnologia da Informação:

Prof.ª Carolina Gasparotto Bertolo de Carvalho

Diretora do Departamento de Alimentação e Nutrição:

Maria Angela Oliveira Delgado

Diretora do Departamento de Ensino Fundamental:

Prof.ª Dr.ª Marjorie Samira Ferreira Bolognani

Diretora do Departamento de Educação Inclusiva:

Prof.ª Karina Verardo Teodoro de Godoi

Diretora do Departamento de Educação Infantil:

Prof.ª Thaís Silva Nonô

Diretora do Departamento de Educação de Jovens e Adultos:

Prof.ª Carolina Copelli Tamassia Ricci

Diretora do Departamento Financeiro:

Isabel Camilo de Souza

Diretora do Departamento de Fomento à Leitura e Literatura:

Prof.ª Ma. Cícera Aparecida Escoura Bueno

Diretora do Departamento de Formação:

Prof.ª Sílvia Cristina Magalhães

Diretor do Departamento de Obras e Manutenção Escolar:

Jefferson Aparecido Spina

Diretora do Departamento de Planejamento, Gestão e Finanças:

Prof.ª Samira Mourad Zenardi



A todas as pessoas que se abrem aos encantamentos,
às bonitezas, às grandezas e às miudezas do mundo
que as rodeia, possuindo a coragem e a ousadia de ser,
desemparedando corpos e mentes para um mundo inclusivo,
sustentável, inovador, sensível e poético.



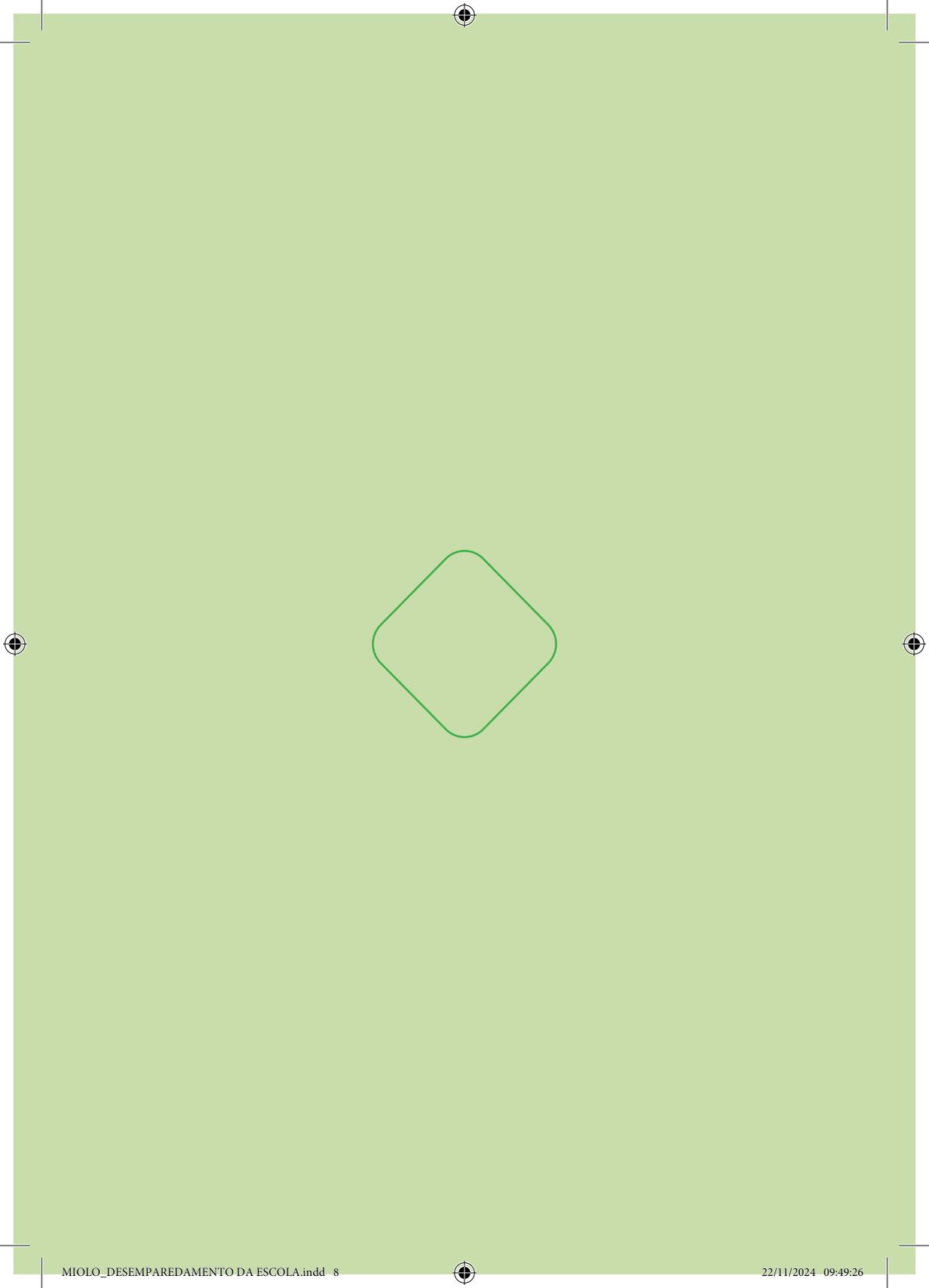
AGRADECIMENTO



Este livro nos permite ver educadoras e educadores que nada temeram, desemparedaram-se por inteiro, dedicando seus pensamentos mais profundos à elaboração de práticas condizentes à riqueza da infância, permitiram-se ser e estar na vida dos estudantes com uma presença repleta de esperança, resiliência e empatia.

São equipes que, muitas vezes, envolveram-se com situações, ferramentas e lugares desconhecidos na vida cotidiana da escola; outras vezes, com algo extremamente familiar, mas os enxergaram sob nova perspectiva, viram o extraordinário no ordinário, e, acima de tudo, nutriram no dia a dia a escuta verdadeira, os olhares carinhosos e os gestos de devoção.

Gratidão a você, educadora ou educador presente nesta obra, que nos permitirá ler para sentir e ver o desemparedamento vivo e pulsante na sua prática.



SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Dedicatória | 5 |
| Agradecimento | 7 |
| Apresentação – Da Prática à Teoria e da Teoria à Prática: o Desemparelamento da Escola na rede municipal de Jundiaí | 11 |
| <i>Vastí Ferrari Marques</i> | |
| Capítulo 1 – O DESEMPARELAMENTO DA ESCOLA E A NATUREZA/AMBIENTE AO AR LIVRE | 15 |
| Surge o Bosque das Descobertas: um verdadeiro laboratório de investigação | 19 |
| <i>Eliane Aparecida da Silva Krieger, Sandra Maria de Souza Cury</i> | |
| Aqui, Ser Criança É Natural! | 29 |
| <i>Aline Rebuci Rodrigues, Cinthya Regina Loschiavo</i> | |
| Projeto Jataí na Escola | 39 |
| <i>Graziela Lima Leal</i> | |
| SemeAr: conexões com o jardim e o encanto de viver as infâncias | 51 |
| <i>Maria Cláudia Siqueira Schioser, Roselaine Barbosa</i> | |
| Capítulo 2 – O DESEMPARELAMENTO DA ESCOLA E A CIDADE EDUCADORA | 61 |
| Projeto Água e Solo “Tamo Junto” | 65 |
| <i>Débora Scarpinelli, Tânia Vilela da Silva</i> | |
| Crianças do Brasil: um encontro entre culturas | 75 |
| <i>Aline Ramos, Claudete Formis</i> | |

| | |
|--|-----|
| Rota Industrial da Vila Arens | 85 |
| <i>Edward de Abreu Campanario Neto</i> | |
| O Bairro da Nossa Escola | 95 |
| <i>Fernanda Facione de Oliveira Carboneri, Priscila Cristina Peroni Pereira</i> | |
| Brincadeiras que Aquecem o Coração..... | 105 |
| <i>Selma Regina de Oliveira</i> | |
| Ninguém Dá o que Não Tem: conhecendo a comunidade do Jardim São Camilo..... | 115 |
| <i>Ellen Lucas Rozante</i> | |
| Capítulo 3 – O DESEMPAREDAMENTO DA ESCOLA E A TECNOLOGIA DIGITAL | |
| 123 | |
| A Nossa História É Composta por Sonhos que Nos Desafiam a Ir, Vir, Insistir e Seguir! | 127 |
| <i>Ana Paula Sanite Ártico, Fernanda Mesquita</i> | |
| Posfácio – Desemparedamento da Escola: um olhar sobre os relatos de prática | |
| 135 | |
| <i>Eliane Reame</i> | |

APRESENTAÇÃO



**DA PRÁTICA À TEORIA
E DA TEORIA À PRÁTICA:
O DESEMPAREDAMENTO
DA ESCOLA NA REDE
MUNICIPAL DE JUNDIAÍ**

Vastí Ferrari Marques

Pensar a metodologia do Desemparedamento da Escola como uma proposta de trabalho a partir das experiências da rede municipal de Jundiá iluminou um percurso significativo de aprendizagens. Trilhas foram abertas como caminhos para olhar o currículo jundiáense sob a ótica das possibilidades de ensino além dos muros da escola e, ao mesmo tempo, do reconhecimento das infâncias de nossos meninos e meninas.

Planejar os espaços e as práticas pedagógicas, considerando as modalidades de Desemparedamento da Escola – “Natureza/Ambientes ao Ar Livre”, “Cidade Educadora” e “Tecnologia Digital” –, impulsionou-nos a pensar a VII SAP (Semana de Atualização Pedagógica), em fevereiro de 2024, valorizando as experiências desenvolvidas pelos educadores das escolas municipais.

Poder evidenciar a qualidade das interações e das vivências nos projetos pedagógicos das escolas e explicitar o quão relevantes foram as formações realizadas nos últimos anos na Unidade de Gestão de Educação permitiu que mais uma vez comprovássemos que o movimento de ação-reflexão-ação se faz presente no cotidiano dessa rede.

Esse diálogo que apresenta o conhecimento profissional a partir da formação, reunindo teoria e práticas efetivas, fortaleceu nitidamente as escolas que, com muita propriedade, assenhoram-se da metodologia, hoje fundamentada na publicação *Desemparedamento da Escola: a qualidade do ensino nos contextos do Programa Escola Inovadora*¹.

Durante a VII SAP, mais de duzentas vivências foram realizadas nas escolas municipais, em todos os segmentos, na Educação Infantil I e II (Creche e Pré-escola), no Ensino Fundamental I (Anos Iniciais) e na Educação de Jovens e Adultos, o que mostra a unicidade e o desejo de partilha, apresentando para toda a comunidade educativa um trabalho que reverberou na vida de nossos estudantes.

¹Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

As experiências das equipes gestoras e dos educadores, em todas as escolas, apresentaram-se nos diferentes eixos do Programa Escola Inovadora; a saber: na ambiência escolar, na formação dos educadores e na qualidade do ensino.

O trabalho primoroso de preparar a escola para receber os profissionais da rede, visivelmente estampado, trouxe a certeza de que o Desemparedamento da Escola habita as práticas.

As experiências relatadas neste livro representam as práticas potentes realizadas por toda a rede, até o presente momento. Esperamos que vocês, educadores, enxerguem-se e se encontrem nesta nova publicação da metodologia do Desemparedamento da Escola com a devida valorização do trabalho, pois não há trabalho reconhecido sem uma rede ativa.

As trilhas que começamos certamente nos levarão a outras, porque sabemos que, a cada ano, a escuta, a vez e a voz da escola – de estudantes e educadores – nos farão pensar em novas possibilidades, novas formas de pensar as infâncias, novas perspectivas de pensar as aprendizagens e de conduzir o desemparedamento, rompendo muros por uma educação disruptiva. Educação que considere a vida de todas as pessoas que acreditam que esta liberta, transforma e produz novos conhecimentos.

Costumo dizer que a escola é um farol no território! Os relatos aqui apresentados, em nome de todas as escolas que compartilharam suas práticas desemparedadas, representam também uma luz, um lampejo de inspiração. Espero, profundamente, que essas inspirações produzam estímulos e influências no caminho da qualidade do ensino para a equidade social, em nome de uma sociedade mais justa e de uma formação integral para nossos meninos e meninas, jovens e adultos, focos permanentes de nosso trabalho.

A vocês, queridas educadoras, queridos educadores, minha reverência, sempre.

Prof.^a Ma. Vastí Ferrari Marques
Gestora de Educação



CAPÍTULO 1



O DESEMPAREDAMENTO DA ESCOLA E A NATUREZA/AMBIENTE AO AR LIVRE

[...] é preciso evidenciar a concepção de natureza para além de apenas os seres vivos e as áreas naturais. Nós somos natureza, e as relações que estabelecemos com o planeta também. Ampliar essa concepção nos permite desvendar mais oportunidades para que as crianças vivam a relação entre criança e natureza.

Ana Carol Thomé

A modalidade “Desemparedamento da Escola e a Natureza/Ambiente ao Ar Livre”¹ apresenta o direito equânime das crianças, dos jovens e dos adultos de frequentarem espaços naturais, locais abertos e áreas livres.

Ao proporcionar uma situação de aprendizagem com a natureza, é importante que os estudantes possam experimentar diferentes percepções por meio dos sentidos, estando em contato direto com os elementos naturais de forma intencional.

Aprender na natureza requer o aproveitamento dos espaços como ambientes ricos e inspiradores, proporcionando vantagens nos processos de ensino e de aprendizagem. O ar fresco e o contato com a natureza têm o poder de inspirar o processo de aprendizado, tornando-o mais envolvente e significativo, além de favorecer a relação entre criança e natureza e a valorização de seus benefícios para a vida de todos os seres vivos.

Já aprender em ambiente ao ar livre, aprender em ambiente externo, vai além de aprender com e na natureza. Intervenções nos espaços ao ar livre das escolas podem transformá-los em ambientes de aprendizagem. Salientamos que tais ambientes e as propostas neles desenvolvidas sempre devem estar articulados ao currículo e que a intencionalidade do educador é ponto focal para alcançar os objetivos de aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades das crianças e dos estudantes.

¹Modalidade da metodologia do Desemparedamento da Escola, em *Desemparedamento da Escola: a qualidade do ensino nos contextos do Programa Escola Inovadora*, p.140. Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.



Acervo da EMEB Prof.^a Clotilde Copelli de Miranda.

SURGE O BOSQUE DAS DESCOBERTAS: UM VERDADEIRO LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO

Eliane Aparecida da Silva Krieger¹
Sandra Maria de Souza Cury²

¹ Autora do relato, professora de educação básica, atuando como diretora da referida escola, desde o mês de fevereiro do ano de 2024. Graduada em Letras, Pedagogia, Biologia e Educação Especial, pós-graduada em Metodologia do Ensino da Língua Inglesa, mestranda em educação na linha de Formação de Professores, Trabalho Docente e Práticas Educativas. Há 21 anos no magistério público, sendo nove anos no Sistema Municipal de Jundiá.

² Autora do relato, professora de Educação Básica, atuando na gestão da referida escola desde o ano de 2015. Graduada em Letras e Pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia e Educação Inclusiva. Há 33 anos no magistério público, sendo 28 anos no Sistema Municipal de Jundiá.

O relato que vocês lerão é sobre duas escolas vizinhas: a EMEB Paulo Gonçalves de Mello e a EMEB Prof.^a Clotilde Copelli de Miranda, situadas no bairro Jardim do Lago, no município de Jundiáí.

Tudo começou em 2020, quando estávamos em plena pandemia e aguardávamos ansiosos pela volta das aulas presenciais. Fazíamos algumas ações remotas e outras presenciais, mas nos preocupávamos com as recomendações sanitárias para o retorno das crianças e dos adultos e suas necessidades de estarem na natureza, ao ar livre.

Com os educadores, mantivemos nossos encontros de formações tanto às quartas-feiras, no Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), quanto em outras chamadas de vídeos, com o objetivo de cuidar do vínculo afetivo e da saúde emocional de todos, desenvolvendo, dessa forma, o nosso Projeto Institucional “Qualidade de vida aos muito pequenos e aos grandes educadores”. Sendo assim, dedicávamo-nos, também, a estudar sobre a influência da natureza na saúde e na aprendizagem das crianças.

Na EMEB Paulo – Educação Infantil I, que atende à faixa etária de zero a três anos, tínhamos um barranco no terreno da escola, que era pouquíssimo explorado pelas crianças e pelos educadores, por ser de difícil acesso. Surgiu então a ideia de um canteiro nesse espaço, onde pudéssemos produzir temperos para o retorno das crianças e para que, naqueles tempos difíceis, tivéssemos algo prazeroso e na natureza que necessitasse da nossa dedicação.

Iniciamos com um simples canteiro, com o auxílio do nosso cozinheiro e zelador da escola, André Clementino de Deus, que precisou de uma trilha para acessá-lo. Dessa trilha nasceram outras trilhas, além de clareiras para recebermos os pequenos grupos de crianças. Com o passar do tempo, dedicamo-nos a estudar cada vez mais, com todos os educadores, sobre a importância da natureza na vida de crianças e de adultos. Estudamos, também, as possíveis intervenções para termos um

parque naturalizado. Ideias surgiram, colaborações foram chegando e então as trilhas foram se transformando em caminhos sensoriais; o espaço ganhou também a Ponte do Desequilíbrio, a ponte fixa, o escorregador no barranco, o *deck* de madeira para enxergar “lá fora”... Quantas conquistas foram possíveis graças à colaboração de pessoas de diferentes partes da nossa cidade, que doaram seus conhecimentos e materiais, como tijolos, madeira, pedras, escorregadores, mudas de plantas, mão de obra e até uma linda fonte, onde as crianças, por várias vezes, puderam observar os passarinhos se banhando e tomando água. Com essas contribuições, ampliamos o bosque e criamos novos espaços, como o Cantinho da Abelha sem Ferrão, o espaço Brincar é Coisa Séria e o Aquecendo os Corações (fogo de chão). No início, essas construções eram provisórias; avaliávamos e ajustávamos para encontrar as melhores soluções para as nossas crianças, e depois as tornávamos permanentes, o que gerou muitas transformações nesses ambientes.

A princípio, a ideia era que o bosque atendesse às crianças da EMEB Paulo; portanto, pensávamos em parar na divisa entre as duas escolas. Porém, a diretora da EMEB Clotilde, à época, nos desafiou a continuar dizendo: “Vocês vão parar aí?”. Naquele momento, pensamos o quanto já tínhamos ações conjuntas, alinhadas, assim como o quanto a continuidade entre os segmentos se faz necessária, ainda que fosse um grande desafio. Assim, continuamos a trilha até chegar à Floresta Encantada, um espaço ocupado pelas crianças da EMEB Clotilde, que têm entre quatro e cinco anos. Esse espaço, já visitado pela EMEB Paulo, era composto por ambientes ricos e acolhedores. Com o tempo, um novo espaço foi criado! Aproveitamos a oportunidade e decidimos plantar árvores frutíferas, para que as crianças pequenas pudessem acompanhar todo o processo do crescimento das frutas, desde o florescimento até o momento de colhê-las, permitindo que conhecessem e se alimentassem com frutas, verduras, hortaliças e ervas aromáticas. Em uma reunião do HTPC, feita remotamente,

sugerimos que os educadores, durante o período de pandemia em que estavam em casa, dedicassem-se a produzir ou obter mudas. Marcamos um dia para que todos trouxessem suas contribuições para a escola, e, aos poucos, as mudas plantadas no Bosque das Descobertas começaram a crescer e produzir.

No retorno, as crianças das duas escolas puderam se encontrar no espaço, embora, por estarmos em plena pandemia, a interação acontecesse apenas por olhares e acenos. Com o passar do tempo, os protocolos foram sendo amenizados e o bosque pôde ser explorado pelas crianças, que se apropriaram do espaço, investigando-o com segurança.

Em 2022, a Ponte do Desequilíbrio deixou de ser apenas uma metáfora para a transição entre os diferentes segmentos da escola e se transformou em um elo real que conecta crianças, famílias e educadores, consolidando a EMEB Clotilde como uma única escola, atendendo a 360 crianças do berçário ao Grupo 5, com idades entre quatro meses e seis anos. O Bosque das Descobertas, enfim, passou a ser explorado pelas crianças, que, por vezes, interagem livremente com os elementos naturais do espaço e, em outros momentos, vivenciam experiências organizadas pelos educadores nas clareiras, nos canteiros e em outros cantos do bosque.

A equipe gestora proporcionou momentos formativos dando continuidade aos processos iniciados em 2018 pela Unidade de Gestão de Educação (UGE), aprofundando os estudos com o *Guia de Aprendizagem ao Ar Livre em Jundiá*³, o e-book *A Escola no Mundo*⁴, a publicação *Desemparedamento da Escola: a qualidade do ensino nos contextos do Programa Escola Inovadora*⁵, além dos autores que nos inspiraram: Gandhi Piorski, Loris Malaguzzi, Ana Carol Thomé, Diana Tubenchlak e Renata Meirelles, com o filme *O Começo da Vida 2 – Lá Fora*.

³Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

⁴Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

⁵Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

Nossos momentos formativos e de envolvimento com todos os educadores acontecem então de forma contínua. Promovemos formações para tornar clara a articulação da natureza ao currículo, oferecendo um ambiente de colaboração entre a equipe, incentivando a troca de experiências e a integração curricular interdisciplinar nas diferentes áreas de conhecimento: Arte, Educação Física e Inglês.

O processo de escuta das crianças no planejamento e no desenvolvimento das ações frente ao desemparedar da infância está sendo abordado de diversas maneiras na nossa escola, para garantir que suas vozes sejam ouvidas e consideradas. Os diálogos cotidianos durante as propostas diárias têm sido uma ótima ferramenta para a coleta de informações do que as crianças gostariam de mudar ou adicionar ao bosque. Mensalmente, a equipe gestora se reúne em assembleia com o Conselho de Estudantes⁶, momento em que expressam suas ideias e sugestões de forma mais estruturada. Acreditamos que incluir as crianças na construção e na modificação desse espaço tem permitido que elas nos ajudem a plantar e ressignificar cada ambiente do bosque. A escuta ativa das crianças não só enriquece o processo de desenvolvimento de espaços educativos como também fortalece o senso de pertencimento e o engajamento das crianças, proporcionando sempre um ambiente que reflete verdadeiramente os seus interesses e as suas necessidades, promovendo uma experiência educacional significativa e inclusiva.

A gestão escolar, em parceria com a UGE, com verbas do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) e com a Associação de Pais e Mestres (APM), está atuando no processo de melhoria e de estruturação do bosque. Por meio dessas estratégias, conseguimos criar um espaço que reflete verdadeiramente os interesses e as necessidades das crianças e das

⁶Conselho de Estudantes é um colegiado da escola formado por representantes escolhidos democraticamente pelos próprios estudantes. Tem por objetivo a escuta das infâncias e constitui um espaço no qual as crianças exercitam a participação, desenvolvem autonomia e ações de protagonismo.

famílias. Esse diálogo não só fortaleceu o senso de pertencimento de todos os envolvidos, mas também enriqueceu a experiência educacional das crianças, fazendo do Bosque das Descobertas um verdadeiro laboratório de experiências, onde as crianças exploram e vivenciam incríveis aprendizagens em um ambiente que foi ampliado com a participação de todos.

Utilizamos estratégias pautadas na busca de uma aprendizagem mais significativa e atentas aos processos: as crianças foram envolvidas no processo de criação e exploração, incorporando a natureza como um componente central, promovendo a educação ao ar livre e permitindo que as crianças aprendessem por meio da experiência direta com o ambiente natural. Famílias e membros da comunidade participaram ativamente, o que fortaleceu o vínculo com as famílias e criou um ambiente de aprendizagem colaborativo.

De acordo com os três eixos do Programa Escola Inovadora⁷, estão sendo contempladas a Ambiência Escolar, a Formação dos Educadores e a Qualidade do Ensino. A ambiência foi fundamental para a valorização dos espaços naturais na educação infantil, mostrando como eles podem e devem ser integrados de maneira eficaz ao currículo escolar. Nesse contexto educacional, a formação docente e a qualidade do ensino não devem ser um hiato entre prática e teoria; a equipe gestora propõe e incentiva práticas em que os educadores busquem por propostas inovadoras. A equipe escolar entende que o sucesso desse trabalho tem um impacto significativo para a cidade de Jundiaí, pois essa iniciativa serve como inspiração para outras escolas e demonstra os benefícios da integração de espaços naturais e a importância da aprendizagem das crianças. O bosque, produto da pandemia, incentiva políticas públicas a promover a educação ao ar livre, reconhecendo o papel vital da natureza no desenvolvimento infantil. Além disso, mostra como ações intersetoriais e o fortalecimento

⁷Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

das redes comunitárias entre escola, família e comunidade fomentam, cada vez mais, os projetos da escola. E, acima de todas essas questões, o foco é a qualidade de vida dos educadores e das crianças como influência de políticas de bem-estar, promovendo a saúde mental e emocional dentro do ambiente escolar.

Durante a exploração do Bosque das Descobertas, as crianças elaboraram diversas perguntas que contribuem significativamente:

“Onde o passarinho mora?”

“O que ele tá fazendo?” (João-de-barro fazendo sua casa.)

“Por que o João-de-barro pegou o graveto?”

“O que tem aqui dentro?”

Essas perguntas levam a criança a investigar ciclos de vida das plantas e dos animais, a aprender a cuidar das plantas e a observar suas mudanças, o que desenvolve responsabilidade e paciência. A investigação sobre os insetos estimula a curiosidade natural das crianças e desenvolve habilidades de pesquisa. Investigar a vida cotidiana do João-de-barro e sua companheira é a alegria das crianças. Percebe-se que elas se tornam protagonistas de seu próprio aprendizado ao serem envolvidas em todas as etapas: planejar e executar projetos em parcerias, aumentando a capacidade de resolução de problemas, como na escolha de materiais para a construção da casa do João-de-barro. Além disso, as crianças aprendem a valorizar diferentes perspectivas, a trabalhar juntas e a alcançar objetivos comuns. Elas enfrentam desafios durante os processos de cultivo e de adaptações ambientais, e, assim, desenvolvem a resiliência. Aprendem a lidar com as falhas e a encontrar soluções. Os pequenos pedem para ir ao bosque, eles têm apreciação profunda pelo espaço e ajudam em sua conservação.

Entre os brinquedos de natureza construídos pela própria criança, há soluções ainda mais elaboradas, no que se refere à avidez da descoberta, ao olhar de profundidade. Em busca pela materialidade íntima descortina-se primeiramente nas formas rudes dos materiais, nos brinquedos de modelar e construir (Piorski, 2016, p.67).

Para que esse trabalho continue sendo realizado garantindo o direito da criança, priorizamos pela documentação e avaliação contínua, mantendo registros detalhados das propostas, dos métodos e dos resultados, incluindo portfólios com fotografias, vídeos e relatos dos educadores e das crianças.

Acreditamos que esse trabalho precisa ter continuidade. É preciso promover sempre um ambiente convidativo e de potencialidades às crianças. Sendo assim, seguiremos neste propósito: desenhando um plano de ação inspirador, para garantir que as propostas realizadas floresçam e se perpetuem. O bosque continuará a promover um ambiente de aprendizagem, e com o desejo de que seja não apenas significativo, mas também sustentável e profundamente enraizado nos territórios educativos do município, especialmente na comunidade do Jardim do Lago.



Acesse o *QR Code*
para apreciar
nossos espaços
e alguns relatos da
comunidade escolar.





Acervo da EMEB Profª Hilda Maria Alves Paschoalotto.

AQUI, SER CRIANÇA É NATURAL!

Aline Rebuci Rodrigues¹
Cinthya Regina Loschiavo²

¹ Autora do relato, professora de Educação Física formada pela Faculdade de Educação Física de Jundiaí (Esef) e pedagoga pela Universidade Veiga de Almeida. Atua na Rede Municipal de Jundiaí como professora de Educação Física na EMEB Prof.^a Clotilde Copelli de Miranda. Exerceu a função de coordenadora pedagógica e, nos últimos três anos, é diretora da EMEB Prof.^a Hilda Maria Alves Paschoalotto.

² Autora do relato, professora de Educação Básica atuando na prefeitura do município de Jundiaí desde 2006. Com formação em Psicologia, Pedagogia e especialização em Psicopedagogia, passou a exercer a função de coordenadora pedagógica no ano de 2012, atuando na EMEB Prof.^a Abigahil Alves Feu Borin e na EMEB Naman Tayar (2012 e 2013). Há 10 anos, exerce a função na EMEB Prof.^a Hilda Maria Alves Paschoalotto.

As crianças são apaixonadas pelos espaços ao ar livre, atentas aos animais e seus filhotes, estão sempre dispostas e disponíveis a encontrarem-se com a água, com a terra, a areia, apreciam o vento no rosto, brincam com seus movimentos, lutam pelo direito de brincar com a natureza. O que explica esse fascínio? Quem não vê? Quem não escuta? A pergunta para os adultos diante dessa paixão das crianças pela natureza deveria ser: em que medida favorecemos ou criamos obstáculos a essa potência de agir das crianças sobre o universo que as afeta? Na Constituição Brasileira de 1988, há a declaração de que as crianças são cidadãs de direito, e escutar os seus desejos corresponde ao respeito do princípio democrático. O compromisso com as interações e as brincadeiras com a natureza deve decorrer dessa escuta e implica, com urgência, olhar para o entorno e proporcionar mais oportunidades de contato com o meio natural.

Antes de relatar essa prática, é importante dizer quem somos e onde estamos. A EMEB Prof.^a Hilda Maria Alves Paschoalotto foi inaugurada em 2002 e atende a crianças de quatro meses até três anos e onze meses de idade, uma grande conquista para os moradores do bairro Vila Nambi e, principalmente, para as crianças, que passaram a ter acesso à Educação Infantil I. Dito isso, os próximos parágrafos contarão o percurso dessa ideia que se transformou em projeto institucional, bem como os muitos caminhos que foram trilhados.

O ano era 2017, e o grupo de agentes de serviços operacionais³ da escola já estava bastante engajado em ressignificar os espaços externos, a princípio, para deixá-los mais bonitos. O grupo começou, voluntariamente e sem muitas pretensões, a enriquecer o quintal da escola com o plantio de algumas árvores frutíferas. Na ocasião era comum, após o plantio ou o cultivo, as crianças retirarem folhas ou colherem os frutos antes do

³Servidores municipais e/ou terceirizados que organizam e prestam apoio na limpeza e na organização dos espaços, a fim de contribuir para que o ambiente escolar possa receber adequadamente a comunidade escolar, zelando por sua conservação.

amadurecimento, fato este que costumava causar incômodo e que levou à seguinte pergunta desses profissionais: “Os adultos plantam e as crianças ‘destroem’?”. A partir desse questionamento, a equipe gestora propôs envolver as crianças no processo de plantio e de cuidado das árvores. Com isso, o que antes causava incômodo passou a fazer sentido, tanto para as crianças quanto para os adultos. Com a participação ativa de toda a equipe, especialmente das agentes de serviços operacionais, surgiu o projeto Mais Verde, Mais Vida, uma extensão do projeto institucional focado em interações e relações. No decorrer de 2018, devido ao envolvimento da equipe, ideias foram surgindo e o espaço enriquecido com flores, outras árvores frutíferas e espécies de plantas. Como já era o último ano do projeto institucional Interações e Relações, as questões sobre a importância e os benefícios do contato com a natureza foram ganhando espaço, inclusive nos momentos de estudos e apoiados nos documentos oficiais. Foi então que o projeto Aqui, Ser Criança É Natural! se consolidou como parte central das nossas práticas pedagógicas. Não podemos deixar de citar e dar o devido crédito ao programa Ser Criança é Natural, de Ana Carol Thomé, cujo nome nos inspirou. E assim, a equipe se debruçou nos estudos sobre a arte do (re)encontro com a natureza, transformando reflexões em ações intencionalmente planejadas e colocadas em prática pelos professores e pelos educadores infantis para os bebês e as crianças bem pequenas.

O projeto justifica-se como um movimento para dar luz à importância da naturalização dos espaços externos da escola como potente ferramenta de aprendizagem e ressignificar seu uso. Inicialmente, o foco era tornar os espaços mais naturalizados e favorecer o contato das crianças com a natureza, o que por si só já trazia bem-estar e promovia um brincar mais criativo e imaginativo.

Com o projeto institucional foi necessário o planejamento da formação com a equipe escolar. Sabe-se que a escolha do tema de formação para o ano letivo deve caminhar lado a lado com o tema definido para

o projeto institucional, uma vez que é o processo de ação-reflexão-ação que fará o grupo avançar em suas práticas docentes, construindo novos conhecimentos e articulando teoria e prática. Entre uma gama de títulos em potencial para esses estudos, destacam-se o *Guia de Aprendizagem ao Ar Livre*⁴, que embasou as primeiras reflexões sobre a potência da natureza nos espaços da escola e contribuiu para que a equipe entendesse e valorizasse a importância de estar com e na natureza, e o livro *A Última Criança na Natureza*, de Richard Louv⁵, que também trouxe valiosas contribuições nos estudos realizados em encontros formativos.

Até aqui, durante os anos de 2018 e 2019, as crianças e, consequentemente, toda a comunidade escolar, estavam sendo beneficiadas com um quintal cada vez mais arborizado, sombreado, enriquecido com os elementos da natureza, deixando os espaços externos muito mais agradáveis, desafiadores e o tempo de atividades ao ar livre cada vez maior. As crianças, ao participarem ativamente dos processos, de vivenciarem as etapas do projeto e de conviverem por mais tempo do lado de fora, passaram a respeitar mais o ambiente, desenvolvendo um senso de conexão com a natureza, entre outras aprendizagens que só são possíveis quando estão em contato com a natureza, como aprender sobre as plantas e os animais de maneira prática e direta e a aumentar a autoconfiança e a autonomia, tornando o brincar na natureza uma parte essencial do desenvolvimento saudável e equilibrado.

Em 2020, o mundo foi assolado pela pandemia da covid-19, e, juntamente com ela, veio a necessidade do isolamento para conter a contaminação da doença. No mês de março, houve a paralisação das escolas,

⁴Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

⁵Richard Louv, jornalista, descreveu – pela primeira vez, de forma acessível como a experiência direta na natureza é essencial para a saúde da criança e dos adultos, influenciando seu bem-estar físico e emocional, bem como moldando as lembranças e aprendizados dos anos cruciais da infância.

e os profissionais da educação precisaram reinventar a prática docente. Sim, reinventar! A grande maioria das profissões adotou o teletrabalho, mas como se faz isso nas escolas? Como garantir boas experiências para os bebês e as crianças bem pequenas, mesmo a distância? Essas questões nos movimentaram. O desafio foi grande; e o momento, de muito estudo. As crianças fora da escola, o tempo ressignificado e o mergulho nos estudos intensificado colaboraram muito para a equipe compreender questões sobre a potência de todos os espaços para além do plantio de árvores e iniciou o processo de revitalização, olhando para todos os espaços da escola como ambientes educadores, repletos de possibilidades. Esse tempo foi essencial para entendermos e nos desafiarms a possibilitar às crianças uma educação desemparedada, que desse conta dos conteúdos essenciais para a faixa etária atendida em nossa escola de acordo com os documentos legais: a Base Nacional Comum Curricular – BNCC⁶ e o Currículo Jundiense da Educação Infantil⁷.

Enfim, as crianças retornaram para a escola de forma consciente e responsável. Os educadores, cheios de inspiração, em decorrência das formações e dos estudos sobre o desemparedamento, fortaleceram e apoiaram nosso trabalho, ampliando o projeto institucional, dando a ele notoriedade e força. E fomos novamente para fora, para colocar em prática o que havíamos estudado. Com o projeto já iniciado e com o retorno das crianças à escola, só foi preciso seguir as normas da vigilância epidemiológica e transformar o que havíamos sonhado e planejado em ação. O retorno ao espaço da escola trouxe possibilidades de ampliação e de intencionalidade. Sabemos que o próprio terreno do nosso quintal

⁶A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e das modalidades da Educação Básica.

⁷Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

já é permeado de desafios e obstáculos e que já havia um processo de naturalização iniciado, mas mais interferências foram realizadas de forma pontual, ampliando as possibilidades de aprendizagens ao ar livre a partir da escuta das crianças, que nos demonstravam a necessidade de estar do lado de fora e de serem desafiadas em suas potencialidades. Cordas foram disponibilizadas nos aclives e nos declives, um redário montado para os momentos de ócio, tão importante na regulação das emoções, e os contextos com os elementos da natureza levados para os espaços.

Os desafios do espaço, que antes geravam ansiedade e medo nos educadores, passaram a ser vistos como importantes possibilidades de desenvolvimento, ou seja, a Ambiência Escolar, um dos eixos do Programa Escola Inovadora⁸ passou a ser o foco principal das interferências nos anos de 2022 e 2023. As crianças, que já ficavam muito tempo ao ar livre, em contato com a natureza, agora também tinham acesso a contextos investigativos, desafiadores e propostas intencionalmente planejadas e organizadas pelos educadores. Interagindo ainda mais com os elementos naturais, passaram a demonstrar mais curiosidade e interesse, coletando materiais naturais, criando e construindo brincadeiras com galhos, folhas, pedrinhas, explorando as texturas das folhas, da terra, da areia, experienciando os cheiros, a terra molhada, os sons dos animais (pássaros, insetos). Enfim, o mundo se expandiu e as crianças passaram a viver uma escola que reconhece a importância desse brincar e aprender com e na natureza. Isso é carregado até hoje nas meias cheias de areia, nas roupas pintadas pela terra e no corpo das crianças quando voltam para casa com histórias e descobertas vividas no quintal da EMEB Hilda. O contato cada vez mais íntimo e cotidiano, as vivências e as experiências pelas crianças e pelos educadores, o encantamento e a empatia por

⁸Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

meio da interação com e na natureza são os nossos principais objetivos, os quais são apoiados nos Campos de Experiências, principalmente “O Eu, o Outro e o Nós”; “Corpo, Gestos e Movimentos”; e “Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações”. O projeto também envolveu as famílias, demais adultos e os educadores nessa reconexão com os espaços naturais, já que percebemos, ao longo do tempo, um distanciamento da natureza por eles. Não conseguiríamos chegar às crianças sem antes passar pelos seus educadores!

Junto a todo esse movimento de ressignificação dos espaços e propostas para as crianças, envolvemos as famílias, para que pudessem participar, compreender e valorizar o que estávamos construindo com as crianças e os educadores. Após a pandemia, a superproteção, o excesso de telas pelas crianças e a falta de autonomia foram aspectos que “saltaram” aos olhos dos educadores. Com a volta à escola, conseguimos ampliar as possibilidades de as crianças brincarem ao ar livre, com e na natureza, em um espaço cheio de possibilidades, desafios que iam ao encontro de seus interesses e suas necessidades, tendo em vista seus processos de desenvolvimento, mas faltava conscientizar e informar as famílias sobre o nosso projeto Aqui, Ser Criança É Natural!.

Para tanto, as reuniões de pais e os sábados letivos⁹ foram muito importantes: vivenciar propostas com e na natureza e experimentar o bem-estar que esses momentos nos proporcionam, colaborando para que as famílias fossem se conscientizando, compreendendo e valorizando as ações do nosso projeto institucional. É importante ressaltar que ainda enfrentamos questionamentos relacionados às roupas com terra e barro, as meias ou os pés de quem pisou na areia, entre outros, mas, atualmente, essas questões são tratadas com mais tranquilidade e segurança por parte da equipe,

⁹O sábado letivo é um dia de aula adicional que complementa a carga horária escolar anual. Conta com a participação de toda a equipe escolar, as crianças, os familiares e a comunidade. Utilizamos esse sábado para promover atividades diferenciadas, lúdicas, festivas, promovendo a interação de toda a comunidade e para que conheçam o nosso projeto institucional.

que sabe argumentar de forma profissional e fundamentada. Podemos perceber que proporcionar formações, estudos, reflexões, vivências e boas conversas com os adultos foram essenciais para o fortalecimento do projeto. Olhar para esse lugar de natureza e viver as experiências das crianças ajudaram as famílias e a comunidade em geral na tomada de consciência e na confiança de que aqui, ser criança é natural.

Antes de encerrar o relato dessa experiência, trazemos uma citação do Currículo Jundiense (2022), que reforça todo o percurso trilhado, validando o ato e a potência da natureza na aprendizagem e no desenvolvimento:

Se os ambientes das escolas de Educação Infantil são lugares para a experimentação em movimento, ao serem mais verdes e ricos em elementos naturais, o repertório de brincadeiras e experiências vividas no cotidiano se amplia e alcança outras dimensões (p. 98).

O olhar para esse lugar da terra, de fora das paredes das salas de aula, potente, desafiador, amoroso e acolhedor tem trazido, dia após dia, a certeza de que é preciso continuar. Ainda temos um longo caminho a percorrer.

Ter a oportunidade de relatar essa experiência para os profissionais da educação nos dá força para continuar lutando pelo direito de os bebês e as crianças aprenderem com e na natureza, desemparedando a infância e garantindo a eles o direito de brincar e aprender de forma respeitosa, na direção da afetividade, da beleza natural e da simplicidade.



Acesse o QR Code para apreciar os espaços da nossa escola, onde ser criança é natural!





Acervo da EMEB Profª Maria Angélica Lorençon.

PROJETO JATAÍ NA ESCOLA

Graziela Lima Leal¹

¹Autora do relato, professora da rede municipal de ensino de Jundiaí desde 2016. Licenciada em Pedagogia pela Universidade São Francisco, pós-graduada em Atendimento Educacional Especializado pela Faculdade Campos Giglio - FCG, atualmente cursando pós-graduação em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional pela faculdade Censupeg. Este é o quinto ano lecionando na EMEB Prof^a Maria Angélica Lorençon.

Abelhas são criaturas fascinantes que envolvem e encantam qualquer um que se dedique a prestar atenção nelas. Ao observá-las em atividades de voo, nosso olhar é levado para as flores. Ao olhar para as abelhas nas flores, descobrimos outras formas de vida, passamos a perceber melhor as mudanças do clima e do tempo e as transformações naturais ao nosso redor. Quando nos relacionamos com as abelhas, compreendemos e sentimos com mais consciência os ciclos biológicos, os ritmos naturais que interligam toda a biosfera do planeta. Assim, ao invés de “nos conectar com a natureza” através das abelhas, somos convidados a perceber a nossa própria natureza...

Isabel Fróes Modercin

O Projeto Jataí na Escola foi realizado com crianças de Educação Infantil e Ensino Fundamental (Anos Iniciais), na EMEB Prof^a Maria Angélica Lorençon, no município de Jundiaí, estado de São Paulo. A escola está localizada em bairro rural, cercada por áreas verdes e ao lado do tradicional Parque do Trabalhador, também conhecido como Corrupira.

Iniciamos o projeto em 2023, após as crianças do 4º ano A solicitarem que os estudos sobre as abelhas sem ferrão fossem realizados pela turma, visto que, no ano de 2021, elas encontraram as primeiras colmeias da abelha jataí no parque da nossa escola. Logo no início do ano letivo, a estudante Loreнна Masi e outras crianças me abordaram com as seguintes perguntas: “Professora, vamos realizar algum projeto sobre as abelhas neste ano?”, “No ano passado, outras turmas fizeram atividades sobre abelhas, mas nós não participamos”. Esses questionamentos surgiram enquanto brincavam no parque, observando algumas colmeias. A partir dessas falas, questionei quais ações eles poderiam desenvolver para que todas as crianças da escola pudessem participar do projeto. Dessa forma, surgiram sugestões para que todos pudessem contribuir de alguma maneira com o trabalho a ser desenvolvido.

Quando a pergunta de um membro do grupo, professor ou aluno, mobilizar interesses individuais, constela-se a possibilidade de uma investigação coletiva. O conceito de contágio proposto no pensamento walloniano mostra o poder de determinadas manifestações individuais no grupo, pois a sua repercussão pode propiciar a construção do tema de um projeto (Proença, 2018, p. 72).

Após essa conversa, iniciamos o projeto com o objetivo de dar continuidade ao trabalho de preservação das abelhas e ampliar o tema para toda a comunidade escolar, incluindo estudantes, famílias e educadores.

Começamos as atividades realizando um levantamento prévio sobre o que a turma já sabia sobre o tema e como poderíamos ampliar esses conhecimentos. Elas foram convidadas a ir até o parque, onde registramos o local por meio de fotos e levantamos algumas questões, tais como: “Quantas colmeias existiam na escola?”, “Quantos ninhos estavam vazios?”, “O que poderia ser feito para aumentar as colmeias?”. Nesse período tínhamos sete colmeias ativas, entre elas, as espécies abelhas jataí, jataí-da-terra, irai e mirim-preguiça.

Convidamos a meliponicultora Thaís Masi, mãe da aluna Lorenna, para fazer uma roda de conversa e falar sobre o tema, tirar dúvidas e nos auxiliar no desenvolvimento desse trabalho. Essa ação proporcionou uma aproximação com as demais famílias na escola, que contribuíram com suas habilidades no desenvolvimento das atividades realizadas com as crianças, criando um ambiente acolhedor e de aprendizagem ainda mais significativo, tanto para os estudantes quanto para todos os envolvidos no projeto.

A partir dessa conversa, notamos que algumas colmeias estavam sem sinalização; então, utilizamos baldes e telhas para proteger os ninhos. O próximo passo foi realizar as primeiras pesquisas sobre o tema e confeccionar alguns cartazes de conscientização e preservação das abelhas para apresentar para todos os estudantes da escola, assim como para convidá-los para participar do projeto.

Durante o percurso de pesquisas e estudos sobre as abelhas, algumas crianças notaram que os materiais utilizados para proteger as colmeias estavam sendo removidos. Dessa forma, retornamos ao parque para refletir sobre quais ações poderiam ser realizadas para conscientizar a todos sobre a importância das abelhas e como poderíamos sinalizar as colmeias. Nessa observação, os estudantes sugeriram substituir os baldes e as telhas por casas, plantar flores, sinalizar o espaço com placas, pintar o muro da escola para o ambiente ficar mais agradável e identificar as colmeias.

Após as crianças estudarem o gênero “texto instrucional”, escreveram um passo a passo para a construção de casinhas de abelhas e, com a ajuda dos familiares, montaram as casas que substituiriam os baldes, os blocos e as telhas. Nessa atividade, também trabalhamos com as diferentes unidades de medida padronizadas e não padronizadas; as crianças escolheram as medidas que utilizariam na construção das casas e mediram as madeiras que seriam utilizadas para o corte. Na construção do jardim, alguns pais também nos ajudaram, preparando o espaço que seria utilizado para o plantio de flores feito pelos estudantes. Na pintura do muro, famílias, educadores e crianças auxiliaram em todo o planejamento do espaço, trazendo o tema das abelhas para deixar o ambiente mais acolhedor e destacando a importância da sua preservação, com desenhos temáticos e frases de conscientização fixadas na parede e escritas pelas crianças no azulejo.

É importante que as famílias conheçam as propostas que estão sendo desenvolvidas na escola, que participem ativamente dos projetos e da vida escolar de seus filhos, em suas pesquisas, aprendizagens e conquistas. O professor deve conceber a família como parceira, que contribuirá com seus conhecimentos e suas habilidades.

A professora de Arte Alessandra Giassetti Malatesta ao saber do trabalho que seria desenvolvido pelas crianças, engajou-se no projeto, sendo uma parceira muito importante, visto que lecionava em todas as turmas e pôde contribuir no desenvolvimento das propostas, ensinando as técnicas de pinturas. A interdisciplinaridade enriqueceu a experiência educativa, promovendo um aprendizado mais completo e significativo. Destaco, também, a parceria da equipe gestora e de todos os educadores da unidade escolar, que auxiliaram no desenvolvimento do trabalho com os estudantes.

Como fomos contemplados a desenvolver algumas atividades do projeto no FAB LAB², instalado no Complexo Argos, junto à Unidade de Gestão de Educação de Jundiaí, apresentamos as propostas que queríamos desenvolver naquele espaço. Algumas sugestões foram dadas para ampliar nosso trabalho, e assim iniciamos as atividades que seriam realizadas, sendo algumas delas: jogo de tabuleiro com curiosidades sobre as abelhas, placas de identificação das colmeias, *QR Codes* e sensor de monitoramento de colmeia.

As crianças continuaram as pesquisas, observando a arquitetura das colmeias. Descobriram que as casas eram feitas de cerume, que cada entrada de colmeia tinha um formato diferente e que dentro delas havia uma estrutura onde a abelha rainha fazia a postura dos ovos e as crias se desenvolviam. Viram de perto como era o invólucro que protege os discos de cria e onde o alimento era armazenado, conhecido como potes de mel, e também experimentaram o mel.

Identificaram, com auxílio da meliponicultora Thais Masi, o nome popular e científico de todas as abelhas que tínhamos no parque, inclusive as que enxamearam nos muros e que apareceram próximas ao jardim, depois que iniciamos o projeto. Aprenderam que na colmeia existe uma hierarquia em que há uma rainha, as operárias, os zangões e a princesa, que cada abelha desempenha a sua função de forma organizada e que elas são de extrema importância na polinização de flores, por serem responsáveis pela produção de mais de 70% dos alimentos que consumimos.

Outras descobertas surgiram pelas pesquisas que realizamos, utilizando como recurso *Chromebooks*, *tablets*, TV de tela interativa e livros científicos sobre as abelhas. Para a realização dessas propostas, as aulas

²FAB LAB: laboratório-oficina ligado a uma rede internacional de laboratórios e ao Instituto de Tecnologia de Massachusetts, voltados para o movimento da cultura maker, oferecendo fabricação digital por meio de um conjunto de ferramentas flexíveis, controladas por computador, com o objetivo de fazer “quase tudo”. Cada laboratório é único em sua inclinação, podendo ser de matriz industrial, tecnológica, pedagógica, entre outros. Propostas que estimulam a inovação por meio da prototipagem em um ambiente colaborativo são a tônica dos projetos realizados nos laboratórios da rede.

foram organizadas utilizando a metodologia do Ensino Híbrido, por meio do modelo rotação por estações. As crianças pesquisaram verbetes de enciclopédia, textos científicos e curiosidades sobre cada espécie de abelhas que havia na nossa escola para a elaboração de jogo de tabuleiro e do jogo Pega-pega Abelha. Realizaram pesquisas de flores que atraem as abelhas, utilizadas tanto para escolha das mudas que plantamos no jardim como para o planejamento dos jogos que foram desenvolvidos no FAB LAB. Essas atividades estavam alinhadas ao Currículo Jundiense e à Base Nacional Comum Curricular, documentos que nortearam o desenvolvimento do projeto.

Para ampliar o conhecimento dos estudantes, visitamos a Cidade das Abelhas, parque temático que fica na cidade de Embu das Artes. Nesse local, eles aprenderam mais sobre a história das abelhas, conheceram de perto uma colmeia de “abelhas abertas”, o espaço conhecido como apiário e o meliponário. Foi uma vivência muito significativa e enriquecedora para as crianças, os educadores e os familiares, que fizeram questão de participar da atividade.

Após a identificação das colmeias, a revitalização do muro, os jogos e o sensor de monitoramento prontos e os *QR Codes* instalados, realizamos a Festa da Família, na qual pudemos apresentar o espaço que foi ressignificado pelas crianças e que recebeu o nome de Vila das Abelhas. A comunidade escolar esteve presente e apreciou o espaço. Muitas famílias foram até o local para identificar as abelhas pelos *QR Codes* instalados, assim como para tirar fotos. Foi gratificante ver a alegria das crianças ao demonstrarem o que haviam realizado no espaço.

Com o projeto quase concluído, as crianças foram convidadas a participar do aniversário de cinco anos do FAB LAB, para apresentar o projeto à comunidade e às crianças de outras escolas de Jundiá, incentivando o trabalho de preservação das abelhas. Nesse evento, os estudantes contaram o que haviam realizado, mostraram como funcionava o sensor de

monitoramento de abelhas, apresentaram o jogo de tabuleiro Vila das Abelhas, os *QR Codes* com identificação das espécies que temos na escola e os aplicativos com o jogo Pega-pega Abelha e o percurso do projeto.

Os estudantes também estiveram em uma sessão na Câmara Municipal de Jundiáí, para participar da votação do Projeto de Lei nº 14190/2023, que trata sobre a criação de áreas verdes destinadas ao plantio de espécies que possam atrair abelhas e a construção de meliponários em parques e praças da nossa cidade. Esse convite foi realizado por um vereador da cidade, que esteve na escola e conheceu o nosso projeto de preservação de abelhas; assim, tivemos a oportunidade de apresentar o trabalho desenvolvido pelas crianças a partir do tema. Quando estivemos na Câmara, nossa aluna Lorena Masi foi convidada a subir na tribuna para falar sobre a importância das abelhas para o ecossistema, contribuindo para a aprovação unânime do projeto de lei, ratificando, assim, uma das premissas da metodologia do Desemparedamento da Escola:

Partindo do pressuposto de que os territórios educativos vão muito além dos muros escolares e que há urgência na viabilização de propostas pedagógicas que os considerem como espaços de aprendizado significativo, ao integrá-los em suas práticas, os educadores têm a oportunidade de promover a participação ativa das crianças, jovens e adultos na construção de políticas públicas que afetam suas vidas. Essa abordagem fomenta o senso de responsabilidade cidadã e empodera os estudantes, mostrando-lhes que suas vozes e ações têm um impacto real na comunidade (Ricci, *et al.*, 2023, p. 159).

Nesse período, estávamos realizando pesquisas sobre a Gestão do Município e Cidadania e alguns dos assuntos tratados eram: quem era o prefeito e sua função no município; se conheciam a Câmara Municipal;

qual era a função do vereador; e se conheciam projetos de leis da nossa cidade. Dessa maneira, esse convite veio ao encontro do tema abordado, contribuindo para os estudantes aprenderem na prática como funcionava o trabalho dos vereadores dentro da Câmara Municipal e participando ativamente, como cidadãos, da aprovação de um projeto de lei que iria beneficiar todos os munícipes da cidade de Jundiá. Essa atividade fora dos muros da escola enriqueceu a aprendizagem e as experiências dos estudantes, fortalecendo a relação entre escola e comunidade.

Finalizando as atividades do projeto, realizamos uma oficina de construção de ninhos para abelhas, com intenção de ampliar o trabalho de preservação nos bairros onde as crianças moravam. Cada estudante fez seu próprio ninho para compartilhar com familiares e vizinhos. Convidamos a escritora Rosane Giroto Meirelles para apresentar seu livro *Passiflora*, realizando sessões de contação de história com atividades lúdicas para todos os estudantes da escola. As crianças tiveram a oportunidade de participar de diferentes vivências e conhecer uma nova estrutura de casas para abelhas, conhecida como hotel de insetos.

As abelhas representam um elo fundamental na teia da vida. Portanto, é nosso dever nos responsabilizarmos por elas e desempenharmos nosso papel na sua conservação. Em troca elas nos oferecem mel, pólen, própolis e muito mais! (Moderic, 2024, p.7.)

Ao concluir todas as atividades, em novembro de 2023, tínhamos 17 colmeias ativas no parque da escola e com novas abelhas, incluindo as espécies abelha-solitária, mandaguari-preta e lambe-olhos. O trabalho de preservação e enxameamento das colmeias foi acontecendo durante o projeto e de maneira natural. Todos contribuíram para a proteção e a preservação das colmeias e dos espaços, que foi ressignificado como Vila das Abelhas.

Como continuidade desse trabalho e com a aprovação do projeto de lei que cria a Campanha de Conscientização Sobre a Importância das Abelhas no Equilíbrio dos Ecossistemas, sancionado em 14 de dezembro de 2023 pelo então prefeito, Luiz Fernando Machado, as crianças, mais conscientes da importância das abelhas, apresentaram, em 2024, um novo projeto ao prefeito, solicitando a construção do meliponário Vila das Abelhas, no Parque Corrupira, com propostas de atividades pedagógicas para promover a conscientização sobre a importância das abelhas para adultos e crianças de Jundiá e região. Esse projeto está em andamento.

A partir da reflexão sobre esse projeto, concluo que o maior desafio como educadora foi reeducar meu olhar a partir do olhar das crianças, valorizar o interesse que elas têm por questões que vivenciam em seu cotidiano, proporcionando, assim, aprendizagens significativas. Digo desafio, pois dei voz e ouvi as crianças, garantindo a intencionalidade pedagógica. As crianças deixaram de ser apenas aprendizes e passaram a ser protagonistas do próprio conhecimento.

Considero que pudemos dar um passo na construção de uma escola agente de transformação, que ultrapassa seus muros e contribui para a educação integral dos seus estudantes e para a sustentabilidade da vida.



Acesse o *QR Code*
para conhecer a
Vila das Abelhas
da nossa escola.





Acervo EMEB Prof. Owen Zilio.

SEMEAR: CONEXÕES COM O JARDIM E O ENCANTO DE VIVER AS INFÂNCIA

Maria Claudia Siqueira Schioser¹
Roselaine Barbosa²

¹ Autora do relato, professora de Educação Básica especialista de Língua Inglesa, formada em Pedagogia e Letras. Já atuou como professora, supervisora e coordenadora pedagógica na Unidade de Gestão de Educação. Exerceu a função de coordenadora pedagógica na EMEB Prof. Owen Zílio, no período de 2019 a 2022. Atualmente, leciona Língua Inglesa no Centro Municipal de Línguas e Tecnologia da Informação Antônio Houaiss.

² Autora do relato, diretora de escola, pedagoga com formação em Gestão e Administração Escolar e Especialista em Educação Especial. Há 22 anos trabalhando na educação básica na Prefeitura Municipal de Jundiá.

No início, havia um desejo, um sonho, um anseio que surgiu a partir da escuta responsiva dos nossos meninos e das nossas meninas. Essas palavras, como sementes lançadas ao vento, encontraram solo fértil na mente e no coração da equipe e da comunidade; germinaram, cresceram e se transformaram em um projeto de vida com raízes profundas. Desejos, sonhos, anseios e resistência se entrelaçaram, formando a trama da nossa história. A cada palavra ouvida ou proferida, continuamos escrevendo o capítulo infinito da EMEB Prof. Owen Zílio.

Inaugurada em 1991, a escola faz parte da Rede Municipal de Educação Básica da Cidade de Jundiaí – SP, atendendo a cerca de 200 crianças entre três e seis anos, que frequentam a escola em período parcial.

Nossa escola está localizada no Jardim Martins, aos pés da Serra do Japi, um raro remanescente da Mata Atlântica no interior de São Paulo. Esse entorno privilegiado desperta nossa motivação intrínseca de cuidados com o meio ambiente.

A CONSTRUÇÃO DA NOSSA IDENTIDADE: PROJETO PEQUENO GRANDE CIDADÃO

Considerando nossa comunidade, idealizamos um projeto que nos levasse a refletir sobre as ações do cotidiano de nossa escola e que tivesse como eixos estruturantes a diversidade e a inclusão, o bem-estar, o meio ambiente e as relações político-sociais.

Desde a implementação do projeto institucional Pequeno Grande Cidadão, em 2016, amadurecemos nossas ações pedagógicas e fomentamos a colaboração ativa de todos os envolvidos, educadores, famílias, comunidade e, principalmente, os agentes fundamentais: as crianças. Com foco na formação integral de cidadãos, as crianças aprendem a partilhar responsabilidades, a respeitar e a conviver com as diferenças de forma ética,

democrática, solidária, justa e atenta às questões ambientais. A cada ano, o projeto se redesenha e se torna mais coerente e alinhado às expectativas previstas na BNCC³ e no Currículo Jundiense da Educação Infantil⁴.

Dentro do eixo Relações Político-sociais, uma das principais ações é a eleição do Conselho Mirim como prática democrática, em que as crianças assumem papéis ativos quando discutem e teorizam sobre conceitos como eleições, representatividade, ética e participação para a promoção do senso de responsabilidade social. Dentro desse ambiente plural, fundamentado por fortes bases teóricas e documentos oficiais, as respostas das crianças passaram a mostrar que o projeto não poderia mais ser cerceado pelas paredes da sala de aula ou pelos muros da escola. As ações ligadas à cidadania e à conexão com a natureza levaram a atenção das crianças aos espaços naturais, e assim começou a ser escrito um novo capítulo da nossa história.

Em 2017, na primeira reunião com os pequenos conselheiros eleitos, passeávamos pela escola para um estudo de campo com o objetivo de avaliar a qualidade dos nossos espaços e propor melhorias que haviam sido pleiteadas previamente nas salas de referência pelas professoras e pelas demais crianças. Surpreendemo-nos quando uma criança criticou a ação da gestão de retirada da horta da escola para a instalação de um parque e fundamentou sua colocação com o seguinte argumento: “Diretora, já tinha outro parque aqui na escola, e agora você tirou a nossa horta e não temos mais onde plantar”. Esse questionamento levou a equipe a uma grande reflexão e a uma mudança de postura, uma vez que a decisão da retirada da horta foi tomada a partir dos apontamentos do corpo docente. Essa situação deixou clara, a partir do currículo oculto, a necessidade de repensarmos a nossa prática educativa e integramos o ambiente externo ao nosso território investigativo.

³Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

⁴Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

UM NOVO OLHAR PARA O NOSSO TERRITÓRIO

Passamos a idealizar um projeto independente, de autoria e responsabilidade da equipe e da comunidade. Em nossas reuniões formativas, em meio a debates participativos, a professora Selma de Oliveira, hoje aposentada, levantou a possibilidade de convidar sua família, que é proprietária de um dos terrenos que fica em frente à nossa escola, para conhecer o projeto. Com o consentimento e o apoio da família Nogueira, que cedeu sua propriedade para plantarmos nossa ideia, o sonho começou a se tornar realidade. A muitas mãos, iniciamos outro capítulo dessa história, um manifesto do desejo de viver um cotidiano significativo e pulsante em um jardim que representasse nossos ideais sobre criança, infância e educação infantil.

Nesse momento, nosso projeto institucional, que vinha sendo construído ao longo dos anos, continuava sendo expressivo, mas precisávamos ir além, precisávamos respirAR e nos reconnectAR à nossa essência e aos nossos valores.

Todas as teorias que embasavam nosso fazer pareciam conectar-se à ideia de criarmos um espaço natural, sensível e acolhedor, que pudesse oferecer às crianças a magia das descobertas; a expansão do pensamento imaginativo, criativo e inventivo; a exploração multissensorial; o estímulo cognitivo; e o cuidado consigo, com o outro e com o meio, promovendo a empatia, o bem-estar, as relações e a comunhão com o todo, em plena sinergia com a natureza.

Assim, transcendemos os muros da escola e convidamos a comunidade para construir o projeto conosco. Pais, famílias, moradores do bairro, empresários, entusiastas, ambientalistas, Unidade de Gestão de Educação (UGE), enfim, apresentamos a nossa proposta a todos os que poderiam nos apoiar.

Recebemos muitos “nãos”, mas a força e a perseverança trouxeram também muitos “sins”. Entre as várias pessoas que acreditaram e

colaboraram com nosso projeto, gostaríamos de citar a estimada Daniele Garcia Fabbri⁵, que ofereceu apoio formativo e material; o nosso querido amigo Nelson Jorge⁶, que ofereceu apoio financeiro e sempre compartilha conosco o maravilhamento da infância e seus conhecimentos sobre agricultura, enquanto observa e acompanha entusiasmado toda a documentação que narra nosso cotidiano e conta nossa história; bem como a UGE, que nos apoiou com insumos como terra, sementes, composto orgânico e a formação Inova na Horta.

Assim como Nelson e Daniele, outras pessoas chegaram, e um projeto intersetorial nasceu dos valores e dos ideais de um grupo de professores, estudiosos e apaixonados pela infância, e de nossa querida educadora infantil, que, com sua proatividade, sua sensibilidade e seu engajamento, ampliou os focos de investigação com seu grupo. Então, esse espaço passou a ser um bem maior, um bem de muitos, e nosso jardim começou a tomar forma como um lugar de pertencimento, um lugar onde exploradores, pesquisadores e desbravadores de pensamento livre são estimulados a criar, sentir, imaginar, teorizar, indagar e experimentar a vida com suas mãos curiosas e seus olhares atentos. Tudo isso amparado pela presença ativa de uma equipe que incentiva a construção do conhecimento sem limitações de respostas, mas com todas as possibilidades de novas perguntas.

UMA ESCOLA EM UMA ÁRVORE: O PENSAMENTO PROJETUAL E OS PROCESSOS FORMATIVOS

“Prô, de onde vem a semente da cenoura?”. Essa pergunta disparou um processo de pesquisa e investigação em toda equipe escolar.

⁵Daniele Garcia Fabbri, estudante de Gestão Ambiental da Fatec-Jundiaí, facilitadora de oficinas de arte e sustentabilidade.

⁶Nelson Aparecido Jorge, empresário na área de produtos orgânicos.

Enquanto construíamos o jardim, o sentimento de inquietação crescia entre as professoras, e a cultura do questionamento e da descoberta contínua passou a integrar o nosso cotidiano, as nossas reflexões e discussões. Passamos a estudar o conceito de projeção, que vem do termo italiano *progettazione*, como o elemento central em nossos processos formativos. O pensamento projetual tornou-se o elemento central de um projeto educativo orgânico, dinâmico, pautado nas respostas das crianças e nas práticas reflexivas dos educadores. Ampliamos nosso olhar para estarmos sempre atentas às várias formas que as crianças comunicam seus processos investigativos e suas aprendizagens, a fim de potencializarmos os relançamentos.

Buscamos identificar passagens significativas nas projeções para que nossas estratégias de trabalho permaneçam coerentes ao longo dos percursos, transformando-as em narrativas que documentem os processos investigativos das crianças e apontem novas perguntas germinativas, enriquecendo suas construções de pensamento, as teorias provisórias e o trânsito entre as linguagens.

Estabelecemos uma forte conexão com as pessoas e com a natureza. Desde 2019, nosso jardim é cada vez mais vibrante e evoca toda a potência da infância. Em 2023, recebemos mais duas parceiras nessa jornada, a coordenadora pedagógica Catarine Green Martins e a assistente de direção Andrea Fernandes Gimenes Ferreira, que, com generosidade e competência, trouxeram um encantamento especial para o Jardim Verde.

É nesse cenário que o nosso cotidiano é construído todos os dias com as nossas próprias mãos, para que ele seja um lugar de sentido e de pertencimento. Entre canteiros, em um parque naturalizado, as crianças são convidadas a aprender sobre os segredos dos ciclos da vida enquanto se maravilham com a diversidade de formas, sons, sensações, temperaturas, estímulos e cores ao seu redor, explorando ativamente os quatro elementos da natureza: água, terra, ar e fogo.

Elas cuidam da terra que irá “alimentar” o seu canteiro, por meio da compostagem. Todos os resíduos orgânicos descartados dos alimentos não aproveitados na merenda e na alimentação das crianças vão para a nossa composteira, em um trabalho realizado com as famílias. O chorume produzido é vendido aos produtores locais e a renda destinada à manutenção do espaço.

O canteiro, que é construído pelas famílias no primeiro sábado letivo do ano⁷, acompanha o grupo nos anos subsequentes. As crianças realizam todas as fases de projeto do canteiro e, no grande dia, junto com as famílias, colocam literalmente a mão na massa e executam o planejamento preconcebido.

O canteiro do Grupo 3 Anos acompanha as crianças no Grupo 4 e no Grupo 5. Após a saída do Grupo 5, desfazemos esse canteiro, para dar espaço a novos que surgem a partir da projeção dos novos grupos, mas, neste ano, tivemos um pedido especial. Nos primeiros dias de aula de 2024, a família do nosso querido estudante Tom⁸, que já não frequenta mais a nossa unidade, solicitou que não desmanchásemos o “canteiro do coração”, porque ele foi construído com a participação da família toda, pai, mãe, avós e da sua pequenina irmã, Sabrina (estudante do Grupo 3, em 2024). Hoje, mesmo não estudando mais em nossa escola, Tom pede licença e adentra o nosso jardim para cuidar do que ainda lhe pertence. Ele possui as chaves do espaço e sempre volta para o lugar que foi seu refúgio nos dias angustiantes de confinamento durante a pandemia.

A escolha do plantio é definida em assembleias, em que discutimos e debatemos sazonalidade, estações do ano, consórcio de sementes, revezamento de culturas, sementes crioulas, influência do clima, presença

⁷O sábado letivo é um dia de aula adicional que complementa a carga horária escolar anual. Conta com a participação de toda a equipe escolar, das crianças, dos familiares e da comunidade. Utilizamos esse sábado para promover atividades diferenciadas, lúdicas, festivas, promovendo a interação de toda a comunidade e para que conheçam o nosso projeto institucional.

⁸Tom Savietto Atique de Toledo, ex-estudante, atualmente frequenta a EMEB Profª Cesarina Fortarel Gonçalves Dias.

de animais nos canteiros, fertilidade do solo, rega, controle de pragas, poda, luz solar, nutrição, alimentação saudável, obesidade, plantas alimentícias não convencionais (PANCs), biodiversidade, agricultura, botânica, biologia e outros temas que surgirem.

Aprendemos sobre física, quando os barquinhos que construímos com galhos, folhas e pedrinhas navegam em riachos formados pela água da chuva que molha nosso jardim e possibilita o milagre da vida. A nossa montanha mágica, que tem o nome de Japi, ensina-nos sobre triângulos, proporções, grandiosidade, ciclos e eternidade. Os filhotes de passarinhos que caem das árvores são cuidados com todo o carinho e ensinam-nos sobre o valor de cada vida. Levamos nossos livros para debaixo das árvores e aprendemos sobre literacia, quando viajamos com as histórias incríveis contadas pelas professoras, pelas cozinheiras, pelas mães, pelos pais, pelas avós e pelos amigos que sempre são convidados para ajudar e para desfrutar do nosso jardim. Atuamos, cantamos, brincamos...

As maravilhas das nuances de tons que o céu nos oferece são inspiração para nossas obras de arte que, depois de finalizadas, são expostas em estabelecimentos comerciais e espaços coletivos do bairro, porque é assim que as famílias e os amigos têm acesso às nossas produções quando passam pelos lugares onde vivemos juntos.

Algumas publicações, como o *Desemparedamento da Escola: a qualidade do ensino nos contextos do Programa Escola Inovadora*⁹ e o *Guia de Aprendizagem ao Ar Livre*¹⁰ enriqueceram nossos saberes e colaboraram para aprofundarmos os estudos sobre a natureza como catalisadora das aprendizagens das crianças e como cenário perfeito para a pesquisa e a investigação.

⁹Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

¹⁰Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

Vivenciamos a natureza como um laboratório a céu aberto. Então, quando você ouvir a história do nosso jardim, ele pode parecer só mais um jardim, mas, para nós, ele é um lugar mágico, de sorrisos, afetos, descobertas, aprendizagens, amigos, proteção, construção de memórias, exploração, experiências e muita brincadeira. Em cada cantinho que cultivamos, vemos nascer o milagre da vida e também a possibilidade de um futuro mais sustentável, empático e consciente.

Nele, estamos descobrindo sobre a vida, quem somos, a importância de caminharmos juntos e nosso papel no mundo. Acreditamos que, ao cuidar do nosso jardim, estamos cuidando das pessoas, dos corações, das mentes e do mundo, a partir da nossa escola que é nosso lugar de afeto, encontro e conexão.



Acesse os *QR Codes* para apreciar alguns momentos do nosso projeto e o depoimento da mãe do estudante Tom.



CAPÍTULO 2



O DESEMPAREDAMENTO DA ESCOLA E A CIDADE EDUCADORA

Para que as atividades ao ar livre sejam realizadas de modo criativo e autônomo pelos educadores, é necessário que haja uma investigação permanente sobre o currículo escolar, para que os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento e os campos de experiências possam se relacionar com aspectos e referências que estão nos ambientes externos e ao ar livre. A intencionalidade deve ser o ponto de partida para o desenvolvimento de atividades fora da sala de aula.

Pesquisas sobre temas como cidade educadora e territórios educativos, que reconhecem outros agentes e espaços da cidade como parte do currículo, podem fortalecer o trabalho sobre o que acontece dentro e fora da sala de aula.

Paula Mendonça

A modalidade “Desemparedamento da Escola e a Cidade Educadora”¹ é considerada a partir de dois princípios: os territórios e os equipamentos sociais.

Partindo do pressuposto de que os territórios educativos vão muito além dos muros escolares e que há urgência na viabilização de propostas pedagógicas que os considerem como espaços de aprendizado significativo, ao integrá-los em suas práticas, os educadores têm oportunidade de promover participação ativa das crianças, dos jovens e dos adultos na construção de políticas públicas que afetem suas vidas. Essa abordagem fomenta o senso de responsabilidade cidadã e empodera os estudantes, mostrando-lhes que suas vozes e suas ações têm um impacto real na comunidade.

Os equipamentos sociais (públicos ou não), como museus, teatros, unidades de saúde, estabelecimentos comerciais e ginásios de esportes, por exemplo, oferecem oportunidades valiosas para a aprendizagem, permitindo que os estudantes desenvolvam habilidades e conhecimentos, além de uma experiência valorosa de pertencimento.

Faz-se necessário ressaltar que, se buscamos uma educação integral sustentada na ideia do exercício da cidadania, devemos garantir às crianças e aos estudantes o direito às cidades e seus equipamentos, não apenas como um lugar a ser visitado, mas de apropriação. Os serviços e os equipamentos compõem uma rede educativa na cidade, além de uma rede de proteção social.

¹Modalidade da metodologia do Desemparedamento da Escola, em Desemparedamento da Escola: a qualidade do ensino nos contextos do Programa Escola Inovadora, p.144. Disponível para consulta por meio do *QR Code* da página 141, no fim desta publicação.



Acervo da EMEB Irmã Flórida Mestag

PROJETO ÁGUA E SOLO “TAMO JUNTO”

Débora Scarpinelli¹
Tânia Vilela da Silva²

¹Autora do relato, professora de Educação Básica na rede municipal de Jundiaí desde 2002. Graduada em Biologia e Pedagogia e pós-graduada em Ecologia e Educação Ambiental, passou a exercer a função de coordenadora pedagógica no ano de 2006. Há sete anos exerce a função na EMEB Irmã Flórida Mestag.

²Autora do relato, diretora de escola na rede municipal de ensino de Jundiaí desde o ano de 2012. Graduada em Matemática e Pedagogia e pós-graduada em ensino de Matemática para o Ensino Fundamental II e Médio. Atua na direção da EMEB Irmã Flórida Mestag desde o ano de 2014.

Gente simples, fazendo coisas pequenas, em lugares pouco importantes, conseguem mudanças extraordinárias.

Provérbio africano

Dentro de uma escola, um mundo de descobertas e experiências se desdobra diante dos olhos de todos. Mas há momentos em que algo extraordinário acontece, transcende a rotina, deixa marcas na memória de todos os envolvidos. Este é um relato dessas coisas extraordinárias que transformam o modo de enxergar o ambiente ao seu redor e de atuar no mundo.

O projeto Água e Solo “Tamo Junto” foi responsável pelas ações desenvolvidas pelos estudantes da EMEB Irmã Flórida Mestag em 2018, revertendo um quadro de degradação ambiental e criando uma área de convívio social no bairro: o Parque Urbano do Mato Dentro.

A EMEB Irmã Flórida Mestag, escola rural de Educação Infantil e de Ensino Fundamental I (Anos Iniciais), atende atualmente a 174 estudantes. Está localizada no bairro Mato Dentro, na cidade de Jundiá, às margens da Rodovia Engenheiro Constâncio Cintra. Fundado por imigrantes italianos, seus descendentes ainda hoje constituem uma parcela considerável da população, acrescida de migrantes de outras regiões do Brasil. O bairro possui chácaras e sítios de produção agrícola e aproximadamente 30% dos estudantes são filhos de trabalhadores do campo. No entanto, mesmo rural, o bairro tem se transformado: atualmente, 70% das famílias trabalham na indústria e no setor de serviços. Localizado no limite da cidade, entre Jundiá e Itatiba, o bairro dista cerca de 34 quilômetros do centro da cidade. Morar numa região rural periférica apresenta vários desafios, destacando-se a problemática da mobilidade, que dificulta diretamente o acesso a serviços e lazer pelos moradores.

Diante desse quadro, e conhecendo um pouco das características da comunidade, é possível dimensionar a grandiosidade dessa ação para a região, na qual os estudantes se tornaram protagonistas dessa história, apropriando-se de sua condição de agentes de transformação.

O processo começou com uma mudança fundamental na forma como a escola se relacionava com os estudantes e a comunidade local, envolvendo-os ativamente no processo educacional. Ao ouvir seus sonhos, suas preocupações e seus desejos para o futuro, a escola enxergou possibilidades de interação e intervenção no território.

Nessa perspectiva, propôs-se aos estudantes do 5º ano uma vivência sobre estudos do solo em uma área de manancial da bacia do Rio Capivari, mais precisamente a lagoa Espelho D'água, localizada nas proximidades da escola. Essa experiência prática não apenas complementou o aprendizado teórico, mas também proporcionou às crianças uma conexão direta com o ambiente local e os processos que ocorrem dentro dele. Durante essa vivência, elas puderam realizar uma série de atividades que enriqueceram suas aprendizagens, utilizando para isso a metodologia da análise de paisagem, um processo multifacetado que envolve a coleta, a interpretação e a avaliação de informações visuais sobre o ambiente. Para o estudo em questão, esse processo foi dividido em várias etapas: definição de objetivos (que foram os aspectos da conservação ambiental envolvendo o solo, a vegetação e a presença de animais silvestres); escolha da ferramenta para o registro (usamos o fotográfico e visual); definição de como seria realizada a coleta de informações (anotações, fotos); realização da análise visual, em termos de presença/ausência para qualificar o que foi observado; e, por fim, a interpretação de todas as informações coletadas.

A partir dessas observações, as crianças passaram para uma segunda etapa: os questionamentos, destacando-se os seguintes: “Essa é uma lagoa?” e “Como pode uma lagoa não ter água?”. Essa incredulidade e a indignação marcam o início do projeto e uma nova maneira de pensar o ensino na escola. Diante dos questionamentos e da escuta ativa aos estudantes, os professores perceberam que ideias e sugestões surpreendentes emergiram. Os estudantes expressaram um forte desejo de fazer

mais do que apenas aprender na escola; eles queriam ser agentes de mudança em seu próprio ambiente.

Para que compreendessem melhor o cenário de degradação observado no estudo do meio, foram utilizadas as etapas do método científico: observação, questionamento, construção de hipóteses, experimentação, análise das hipóteses e conclusão. Seguindo essas etapas, e a partir das informações já coletadas, os estudantes passaram a listar todas as situações de degradação ambiental encontradas – algumas não sabiam nomear – e entenderam que o ambiente não estava saudável e que se encontrava em situação de abandono.

Ao olharem para lista de “problemas” que haviam identificado, apontaram e questionaram: “O que fazer para a água voltar?”, “Como a terra chega até dentro da lagoa?”, “Quem fez isso?” e o mais importante: “A gente pode fazer alguma coisa?”.

A partir daí os sonhos começaram a ser construídos e os estudantes passaram a relacionar uma solução para cada problema encontrado. Entre as soluções, surgiu a ideia da construção de um parque, pois, assim, mais pessoas poderiam cuidar do local e, principalmente, atenderia à demanda da comunidade por um espaço de convívio social no bairro, recuperando a lagoa Espelho D’água.

Deu-se início a um intenso estudo sobre as características dos biomas da região do Mato Dentro (Cerrado e Mata Atlântica), a degradação do solo, o impacto que as ações do homem podem causar no ambiente em que vive, como aumentar a produção de água e proteger a lagoa, o que são plantas aquáticas e como fazer seu controle e sobre a interação dos animais silvestres com o ambiente. Esses estudos envolveram as crianças em mais observações no local, pesquisas na internet, estudos de casos de restauração ambiental exitosos e experimentos para medição do nível de infiltração de água em diferentes tipos de solo, além de muitas rodas de conversa, trocas de ideias e informações para a elaboração de

um plano de ação, a fim de reverter a situação da lagoa Espelho D'Água e criar um parque que foi materializado numa maquete.

Ao perceber que as soluções para os problemas encontrados estavam além do poder de atuação da escola, ficou claro que mais agentes deveriam ser envolvidos, e assim começaram as parcerias, fundamentais para esse processo.

Primeiramente, a comunidade escolar foi convidada a participar de uma apresentação, realizada pelos estudantes, em que demonstraram todos os estudos e as soluções encontradas. Nesse evento, o poder público foi representado por um vereador, e os membros da comunidade presentes sentiram-se acolhidos em suas demandas, compartilharam suas preocupações e visões para melhorar a qualidade de vida local e sugeriram a elaboração de uma petição à prefeitura. Os estudantes, então, sentiram que estavam no caminho certo e ficaram ainda mais entusiasmados com o projeto. Decidiram que suas demandas deveriam ser direcionadas ao poder público.

Nesse meio tempo, aconteceu uma reunião da associação de moradores do bairro, com a presença do prefeito do município, o Sr. Luiz Fernando Machado, na qual a diretora da unidade escolar, que estava presente, mencionou a intenção das crianças em protocolar o documento na prefeitura. Prontamente, o prefeito agendou para a semana seguinte a apresentação do projeto em seu gabinete.

Então o grande dia chegou. Nessa reunião, estavam presentes representantes da comunidade, da DAE S.A. – Água e Esgoto, a gestão escolar e três estudantes do 5º ano, que foram os responsáveis pela apresentação do projeto de recuperação ambiental e criação do parque. Diante dos problemas expostos e dos argumentos utilizados pelos estudantes, o prefeito expressou admiração e interesse em conhecer um pouco mais do projeto e da escola.

Passados quinze dias, a escola recebeu o prefeito, que estava acompanhado dos gestores da Unidade de Gestão de Educação (UGE) e da Unidade de Gestão de Infraestrutura e Serviços Públicos (UGISP), juntamente com o diretor da DAE e representantes da comunidade. Na ocasião, um vídeo chamando a atenção para a causa, produzido pelos estudantes, foi apresentado, causando o impacto esperado. O prefeito se comprometeu a criar o parque, justificando sua decisão com o trabalho completo das crianças: encontraram um problema, buscaram soluções e as apresentaram ao poder público, afirmando que restava a ele “apenas” executar.

E assim foi feito. O projeto arquitetônico foi apresentado à escola pela UGISP incorporando as ideias dos estudantes. Ao saberem disso, ficaram extremamente felizes e orgulhosos. Eles viram seus sonhos materializados e, nesse momento, tiveram a certeza de que o parque que imaginaram realmente se tornaria realidade, saindo da maquete para se concretizar.

As obras do parque foram iniciadas em 2019, com a escola acompanhando de perto todo o processo. Enquanto isso, as crianças continuaram seus estudos, agora com uma perspectiva socioambiental, explorando a história da cidade, do bairro, da escola e das pessoas que fazem parte dela. Por meio desses estudos, descobriram que o doador do terreno da lagoa Espelho D'água à prefeitura sempre sonhou em transformar aquele local em uma área de lazer e convívio. Isso confirma que o parque era um antigo sonho da comunidade, agora finalmente sendo realizado. Durante a construção do parque, as crianças estudaram as espécies mais adequadas para a recomposição da mata ciliar das lagoas, visando planejar futuros plantios. Além disso, participaram de formações oferecidas pela Unidade de Desenvolvimento Ambiental (Unidam) e realizaram coletas de água para análise, investigando se havia despejo de esgoto nas lagoas. Elas também fizeram visitas regulares para acompanhar o avanço das obras.

Em 2020, devido à pandemia do coronavírus, a atuação da escola e dos estudantes foi infelizmente prejudicada. Apesar disso, as obras do

parque continuaram, e foi realizado o plantio de 700 mudas de árvores nativas, além do povoamento de peixes na lagoa. A inauguração do parque, com seus impressionantes 23 mil metros quadrados de área, foi um marco significativo, mesmo sem a possibilidade de celebrações presenciais e das ações pedagógicas planejadas. A sensação de todos os envolvidos foi de um misto de alegria, pela concretização do projeto, e de desapontamento, pela impossibilidade de realizar as ações planejadas.

Com a chegada de 2021, foi possível retomar as atividades presenciais no Parque Urbano do Mato Dentro. As ações incluíram plantio de árvores nativas junto às famílias dos estudantes; medição e registro das medidas da ciclovia e da pista de caminhada; campanhas de conscientização e valorização do parque, por meio de *QR Codes* distribuídos pelo ambiente; estudo de campo, para observação de insetos polinizadores; criação de casinhas de inseto, para instalação no parque; e a realização de uma feira científico-cultural ao ar livre no próprio local, valorizando as práticas de desemparedamento.

Em 2022, com a prática do trabalho por projetos firmemente integrada no “DNA da escola”, os estudos naturalmente se concentraram no processo de implantação do Parque Urbano do Mato Dentro e nas ações de cidadania voltadas para a conservação do local. Os estudantes realizaram coletas de resíduos na lagoa e no entorno; retomaram a análise da paisagem, para verificar a condição ambiental; e estudaram as condições das vias e a falta de acesso ao Parque Espelho D’água a partir da escola. Durante esses estudos, identificou-se um problema relacionado ao acesso ao parque, o que levou à organização de uma reunião com a comunidade, uma vereadora do município e o gestor da UGISP. Foram apresentados os estudos realizados pelos estudantes sobre o acesso ao Parque Urbano do Mato Dentro, visando encontrar soluções para essa questão.

Em 2023, todos os anos de estudos e dedicação foram coroados com a conquista do Prêmio Nacional Escolas Sustentáveis 2023, promovido

pela Santillana, pela Fundação Santillana e pela Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI). O projeto Água e Solo “Tamo Junto”, desenvolvido pelos estudantes, foi o vencedor da etapa nacional, superando quase 800 projetos inscritos de todo o Brasil. Com essa vitória, o projeto se classificou para a etapa internacional do prêmio, ampliando a visibilidade do poder transformador da escola ao colaborar com a comunidade e o poder público.

Essa conquista coroa 2023 como o ano de início da Fase 2 do projeto, fortalecendo ainda mais as parcerias e as iniciativas para promover sustentabilidade e educação ambiental na região do bairro. Segundo Ricci, *et al.* (2023, p.157) “a partir das observações dos espaços externos da escola, é possível identificar, no ambiente, possibilidades de investigação em uma perspectiva de que o conhecimento é desencadeado a partir de um problema-situação”. Dessa forma, em 2024, as aprendizagens dos estudantes estão sendo enriquecidas pelo parque. Foram expandidas as possibilidades de estudo nesse ambiente, incluindo a implantação de um relógio de sol; a construção de um jardim, para atrair e alimentar insetos polinizadores; e a instalação de um sistema de captação de água, para a irrigação desse jardim.

Além disso, os estudantes estão envolvidos na catalogação das espécies arbóreas e dos animais silvestres, utilizando observações diretas e “câmeras *trap*”. Eles também estão medindo a vazão da água das nascentes que alimentam o rio Capivari, contribuindo para o monitoramento e a conservação dos recursos hídricos locais. Para garantir a continuidade e a sustentabilidade desse trabalho, estão em andamento conversas entre a escola, a comunidade, o poder público e a concessionária Rota das Bandeiras³, para viabilizar a transposição da rodovia, que atualmente impede o acesso direto dos estudantes ao parque. Está sendo planejada a

³A Rota das Bandeiras é a concessionária responsável pela administração do Corredor Dom Pedro de Rodovias, no interior do estado de São Paulo.

construção de uma passarela, que permitirá aos estudantes caminharem diretamente até o parque, proporcionando não apenas acesso físico, mas também oportunidades de aprendizado durante o percurso. Essa iniciativa será fundamental para remover a “barreira” atualmente representada pela rodovia, proporcionando uma integração mais efetiva dos estudantes com o ambiente natural e ampliando as oportunidades de desemparedamento e educação socioambiental oferecidas pelo Parque Urbano do Mato Dentro, ou seja, o projeto Água e Solo “Tamo Junto” - fase 2 está *ON*.



Acesse os *QR Codes* para conhecer alguns vídeos institucionais que contam a história do nosso projeto.



Acervo EMEB Aparecido Garcia.

CRIANÇAS DO BRASIL: UM ENCONTRO ENTRE CULTURAS

Aline Ramos¹
Claudete Formis²

¹Autora do relato, pedagoga, especialista em Alfabetização e Letramento e Psicopedagoga Clínica e Institucional. Atua na rede pública de ensino desde o ano de 2016 como professora de Educação Básica nas séries iniciais na cidade de Jundiaí. Este é o quarto ano lecionando na EMEB Aparecido Garcia.

²Leitora crítica do relato, mestre em Educação Ambiental pela Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre Agenda Ambiental Escolar. Formada em Geografia e Pedagogia, atuou como professora de Educação Básica e superior, tendo desenvolvido projetos de Educação Ambiental em toda a sua jornada. Foi supervisora de Educação Socioambiental na cidade de Jundiaí, onde atualmente exerce o cargo de diretora de escola da Educação Básica de Ensino Fundamental, sendo este o décimo ano na direção da EMEB Aparecido Garcia.

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire

Por que ensinar sobre a diversidade cultural brasileira? Como ensinar sobre a diversidade cultural para estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental? Como fazer isso de forma significativa, estimulante, ampliando o olhar e o horizonte para além do livro didático e dos muros da escola?

Como sujeitos históricos, o desenvolvimento de nossos estudantes está intrinsecamente ligado às suas múltiplas experiências culturais e sociais. Portanto, o conhecimento dos patrimônios culturais da cidade ou do território é essencial para a construção de cada indivíduo e para a formação da sociedade.

Dessa forma, num país tão diverso, maravilhoso e desigual, imaginei que colocar nossos estudantes em contato direto com crianças de outras regiões do Brasil poderia garantir uma aproximação e um conhecimento de outras culturas e histórias, ilustrando bem a riqueza e as diferenças do nosso país, além de estimulá-los ao uso de novas tecnologias como ferramentas de comunicação e registro. Assim,

[...] é imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação), e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital. Ao aproveitar o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes (Brasil, 2018, p. 57).

A EMEB Aparecido Garcia está localizada no bairro Jardim Martins, em Jundiaí, São Paulo, próximo à Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra do Japi, que é uma das últimas áreas de Mata Atlântica do interior paulista.

Nossa escola atende a 425 crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I (Anos Iniciais), com o projeto pedagógico Cuidar de Si, da Comunidade e do Planeta, fortemente ligado às questões relacionadas à sustentabilidade; seja pela premência do tema de abrangência global, seja pelo contexto de sua inserção territorial ao lado de uma APA de grande importância. Temos três classes de 5º ano nas quais trabalhamos com divisão de componentes curriculares.

Como responsável por lecionar os componentes curriculares de Ciências, História e Geografia para as três turmas do 5º ano, meus desafios eram trabalhar com um projeto que integrasse as três áreas, utilizando diferentes tecnologias disponíveis na escola; ter o desaparelhamento como prática de exploração dos espaços educadores da cidade, dando vida aos conceitos de história, às curvas do relevo desvendadas por caminhadas pelas encostas da Serra do Japi ou pelas ladeiras da cidade; ver o colorido e sentir os cheiros da Mata Atlântica, que não cabem nos livros didáticos, como orienta a professora Léa Tiriba:

[...] é fundamental investir no propósito de desaparelhar e conquistar os espaços que estão para além dos muros escolares, pois não apenas as salas de aula, mas todos os lugares são propícios às aprendizagens: terreiros, jardins, plantações, criações, riachos, praias, dunas, descampados; tudo que está no entorno, o bairro, a cidade, seus acidentes geográficos, pontos históricos e pitorescos, as montanhas, o mar... (Tiriba, 2010, p. 9).

Considerando os princípios de uma escola inovadora que busca promover a educação integral, priorizamos práticas que permitissem o desenvolvimento em nossa cidade. Com base nas formações oferecidas pela Unidade de Gestão de Educação (UGE) e nos estudos realizados com a equipe escolar, aprimoramos esse projeto para que estivesse alinhado aos nossos objetivos e às nossas práticas pedagógicas. Buscamos contato com professores parceiros em outros estados brasileiros, e, após várias tentativas, com o apoio da nossa coordenadora pedagógica, Raquel Gotardi Fernandez, e do formador Fernando Trevisani, conseguimos nos comunicar com a professora Tatiana Cristina Elsner de Oliveira, residente em Videira, Santa Catarina, que leciona Matemática no 5º ano do Ensino Fundamental em Colégio Salvatoriano. Tatiana aderiu à nossa ideia e ficou muito animada, acreditando que a experiência seria maravilhosa para as suas crianças também. Assim, iniciamos o nosso projeto interdisciplinar de intercâmbio cultural.

Em nossa primeira reunião pedagógica, via *Google Meet*, que aconteceu em março de 2023, a consonância dos objetivos se concretizaram num planejamento repleto de aventuras e aprendizagens. Tatiana e eu traçamos um roteiro mensal e expusemos nossas expectativas e nossos desejos para o projeto. Definimos os eixos de trabalho pautados no Currículo Jundiaense do Ensino Fundamental I³, do 5º ano, e elencamos alguns assuntos iniciais que seriam norteadores para o nosso trabalho. O objetivo era envolver as crianças em atividades educativas interculturais com experiências práticas que as levassem a explorar, conhecer e compartilhar conhecimento sobre os patrimônios históricos e culturais locais; investigar aspectos geográficos como clima e cartografia das regiões; e utilizar ferramentas tecnológicas em diferentes meios de comunicação.

³Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

Todas as etapas foram cuidadosamente registradas em um portfólio digital na plataforma *Padlet*. Nele, todas as fases do projeto e as diversas mídias foram documentadas e disponibilizadas, para que as crianças pudessem revisitar as experiências vivenciadas e o aprendizado ao longo do processo.

Para iniciar essa conexão entre as turmas, demos as boas-vindas aos novos colegas com a criação de e-mails e a escrita coletiva de cartas de apresentação, expressando nossas expectativas e nossos desejos, e tiramos fotos das turmas e compartilhamos entre as escolas. O projeto foi desenvolvido ao longo de 2023 com as turmas dos quintos anos com a promoção de uma abordagem investigativa, na qual nós, professoras, atuamos como mediadoras do processo, incentivando os estudantes a buscar e construir conhecimento. Nas aulas de Ciências, por exemplo, durante os estudos sobre as estações do ano, uma pergunta norteadora e desafiadora surgiu: “Por que a região Sul do Brasil é um local mais frio?”. Isso levou as crianças a investigar a variação de temperatura ao longo do ano e as características do clima tropical e do clima temperado presentes no Brasil. Compartilharam informações, vídeos, fotos, acompanharam a previsão do tempo, perceberam a diferença nas vestimentas e trocaram impressões e sensações sobre o frio intenso e a neve de Videira, bem diferente do inverno de Jundiá, por exemplo.

Em 26 de junho, realizamos o nosso primeiro encontro virtual, quando as crianças tiveram a oportunidade de dialogar por meio de vídeo, fazendo todas as perguntas que naquele momento da amizade já eram oportunas: como era a escola, quais eram as festas tradicionais, se havia centros esportivos, parques, a quantidade de irmãos.

No segundo encontro, organizamos um sorteio para a escolha de destinatários das cartas que seriam escritas. As cartas, gênero trabalhado no 1º ano do Ensino Fundamental, foram retomadas, agora com interlocutores reais e muita curiosidade de ambos os lados. Os assuntos foram bem

diversos, assim como são os interesses: desafios matemáticos, poemas, perguntas etc. Após a escrita e a revisão, o próximo passo foi postá-las numa agência dos Correios, fato inusitado para a maioria das crianças que nasceram na era digital. A atividade foi muito bem recebida pelos funcionários da agência dos Correios do Maxi Shopping, os quais foram extremamente atenciosos, apresentando a logística da empresa.

A partir do envio, focamos em uma atividade de Geografia com o uso de tecnologia, acompanhando o percurso das cartas via rastreamento do Correo, pelo *Google Maps*. Imprimimos a imagem dos estados ampliando o tamanho do mapa e anexamos na parede da sala de aula. Assim, identificamos estados, capitais, cidades, escalas, calculamos distâncias e fluxos de mercadorias, colocando em prática os conteúdos trabalhados.

No dia do recebimento das cartas, registramos, por vídeo, as reações das crianças, que adoraram esse momento e se sentiram muito especiais ao receber uma carta destinada a elas com todo o carinho pelos novos amigos.

Nos meses seguintes, incluímos outros temas para estudo, como a diversidade cultural brasileira e as contribuições dos povos imigrantes para a formação da cultura do país. Pesquisamos e conhecemos o famoso chimarrão, citado pela turma de Santa Catarina numa das chamadas de vídeo realizadas. As crianças aprenderam sobre a cuia, sentiram o aroma da erva-mate, conheceram sua história e sua tradição local e experimentaram o chá-mate adaptado e gelado para acompanhar a nossa estação. Na cidade de Videira, a professora Tatiana conduziu o trabalho sobre a culinária típica de Jundiá, destacando nossa famosa coxinha de queijo como patrimônio imaterial da cidade. Em outubro, as crianças se divertiram experimentando e aproveitando a comemoração do Dia das Crianças para conhecer mais sobre o folclore da região Sul e as brincadeiras típicas de cada lugar. Além disso, reunimos algumas brincadeiras típicas da região Sudeste e compartilhamos com eles também, via *e-mail*.

O interesse pela história de cada cidade surgiu naturalmente. Assim, foi proposta aos estudantes a tarefa de pesquisar sobre os patrimônios culturais e naturais de Jundiá para compartilhar com os colegas de Videira. Cada turma pesquisou e visitou um espaço patrimonial da cidade, numa vivência de desemparedamento que foi registrada pelos olhos e câmeras dos “repórteres mirins”, estudantes previamente escolhidos pela turma e capacitados em um projeto da UGE. Cada vivência gerou vídeos gravados nos *tablets*, editados nos *Chromebooks* utilizando a plataforma Canva, e finalmente compartilhados com os colegas distantes.

A turma do 5º ano A realizou uma vivência no Centro Histórico de Jundiá, fazendo o percurso pela rua Barão de Jundiá, antiga rua Direita, onde conheceram vários patrimônios históricos de relevância: a Pinacoteca Municipal Diógenes Duarte Paes, o Teatro Polytheama e o Museu Histórico e Cultural de Jundiá – Solar do Barão. Também aprenderam sobre as ausências de materialidades, que contam histórias de cada lugar. Para enriquecer a experiência, convidamos para participar dessa etapa o historiador Alexandre Oliveira, professor da rede municipal de ensino de Jundiá, que contribuiu compartilhando seus conhecimentos sobre a cidade durante o percurso.

A turma do 5º ano B visitou a Fazenda Santa Cecília, localizada no Traviú, tradicional bairro de colonização italiana desde o século 19. Fomos recebidos pela proprietária, Patrícia Carbonari, que gentilmente nos acolheu contando a história de sua família e do surgimento da uva Niágara, que tanto contribui para o desenvolvimento econômico e o turismo rural da nossa cidade. Conhecemos as plantações de uva e o processo de produção do suco e do vinho nos laboratórios da propriedade. Ao final da visita, as crianças foram convidadas a degustar a uva e o delicioso suco das uvas Niágara branca e rosada. Algumas crianças o provaram pela primeira vez, e foi possível notar a emoção e a alegria. Essa experiência permi-

tiu estabelecer uma relação entre a história da uva em nossa cidade com a cidade de Videira, que, inclusive, carrega essa história em seu nome. A vivência aconteceu no fim do ano, para que as crianças pudessem ver as parreiras com uvas e sentir seu perfume.

Já a turma do 5º ano C visitou o Centro de Referência em Educação Ambiental (Cream – UGE) de Jundiá, para conhecer um patrimônio natural da cidade, a Serra do Japi. Na trilha da Mata Atlântica, tornaram-se pequenos pesquisadores e, guiados pela equipe de monitores, conheceram as árvores nativas e a importância de preservar a APA da Serra do Japi. Com lupa, caderno e caneta em mãos, sentiram-se verdadeiros investigadores, participando e aprendendo.

Os vídeos produzidos nas vivências foram compartilhados com as crianças de Santa Catarina. A professora Tatiana registrou o momento, enviou-nos fotos das crianças assistindo aos vídeos e organizou seus estudantes para que pudessem também compartilhar um pouco sobre a cultura local da cidade de Videira. Infelizmente, o planejamento inicial não pôde ser executado na íntegra por aquela escola, que teve as saídas e as vivências para fora do espaço escolar interrompidas; pois 2023 foi o ano em que aconteceu o ataque fatal à escola de Educação Infantil naquele estado, colocando todos em alerta e inviabilizando as saídas. Recebemos uma pesquisa realizada pelos colegas e utilizamos o *Google Maps* para “caminhar” e conhecer a escola, o bairro e alguns pontos importantes da cidade de Videira. Para isso, nós nos reunimos na sala de leitura e usamos um projetor, para ampliar as imagens do *Google Maps*, e, juntos, investigamos o entorno da escola.

Para finalizar a aventura, tivemos um último encontro por vídeo no fim do ano, para as crianças se despedirem e avaliarmos o ano compartilhado. Nos relatos, muitas emoções, trabalho, aprendizado, talentos descobertos, portas abertas para um novo fazer pedagógico e formas de aprender mais leves e significativas. Lemos uma carta coletiva de

despedida, e a turma de Videira cantou em coral, lindamente ensaiado para as apresentações de fim de ano do colégio.

Como educadora, destaco que essa experiência enriqueceu significativamente o processo de ensino e de aprendizagem, implementando uma abordagem prática e criativa, que manteve os estudantes engajados e participativos, o que ressalta a importância de incorporar propostas de desemparedamento em nosso planejamento e criar situações em que a educação realmente é inovadora. Estamos ansiosos para dar continuidade a esse projeto nos próximos anos, e buscamos parceiros que estejam dispostos a embarcar conosco nessa grande aventura!



Acesse os *QR Codes* para conhecer nossa aventura cultural e ver o agradecimento aos apoiadores do projeto.



Acervo EMEB Prof.ª Janet Ferreira Prado.

ROTA INDUSTRIAL DA VILA ARENS

Edward de Abreu Campanario Neto¹

¹Autor do relato, licenciado em Pedagogia e História e Ciências das Religiões, especialista em Alfabetização dos Estudantes das Classes Populares e em Metodologia no Ensino da Educação Superior. Possui MBAs em Administração Pública e Gestão de Cidades Inteligentes e em Gestão Escolar. Natural do interior do estado do Rio de Janeiro, mudou-se para Jundiaí, onde atua como professor de Educação Básica na rede municipal de ensino desde 2018. Apaixonado pela cidade, é um entusiasta das temáticas que envolvem a história local e a construção da identidade jundiaense em sua prática pedagógica.

DESEMPAREDAMENTO DA ESCOLA: ROMPENDO LIMITES

As premissas que baseiam as dinâmicas de desemparedamento das práticas escolares na rede municipal de Jundiáí, antes de tudo, constituíram-se como uma questão paradigmática. No contexto em que se preconizava o retorno às salas de aula após o período pandêmico, coube ao ideário de uma escola inovadora dar um passo além das experiências que se estabeleceram no ensejo das urgências sanitárias para a gênese de um processo contínuo para o exercício teórico-metodológico em que se evidenciassem as linguagens, práticas e vivências que rompessem os limites estabelecidos. Num esforço conjunto, da Unidade de Gestão de Educação, diretores, coordenadores e professores, educadores infantis, em âmbitos diversos de atuação nos meandros que compõem a unicidade da rede municipal, abraçaram o desafio de se conceber as relações de aprendizagem externamente à sala de aula, não para desprezá-la, mas para ampliar horizontes além dela e em seu devir, com o propósito final de transformar práticas educativas e, portanto, ressignificar o aprendizado.

Inicialmente, houve incertezas e questionamentos que despertaram curiosidade e ansiedade, revelando-se pertinentes diante da audácia do processo de mudança em curso. A iniciativa visava fomentar um fluxo de ideias e práticas que gradualmente se expandiu, gerando o típico tumulto associado à transição em direção ao novo. A partir de fundamentos educacionais sólidos, os primeiros princípios do desemparedamento começaram a se estabelecer: práticas que passaram dos pátios escolares para os parques, os quintais, as calçadas e as ruas, abrangendo a vastidão de espaços que compõem as identidades de Jundiáí. Essa abordagem deixou uma marca indelével na história educacional da cidade e na mentalidade das escolas e de seus educadores.

A partir desse mosaico de sujeitos e instituições, interação entre teoria e prática na implementação da metodologia do Desemparedamento da Escola (2023), educadores e crianças se envolvem em espaços além

das salas de aula convencionais. Esses locais são vistos como componentes essenciais do processo formativo, promovendo uma abordagem que transcende os limites tradicionais de aprendizado. Desse modo, não se trata de um mero movimento de transposição de saberes que migram de um lugar ao outro, mas do ordenamento epistemológico e prático em que os espaços e suas vivências se constituem como objetos de conhecimento na formação dos sujeitos.

Na história da EMEB Professora Janet Ferreira Prado, o cotidiano é definido pelo movimento constante das crianças em diversos contextos de aprendizado, ampliando suas experiências. Esse cenário reforça a responsabilidade pela qualidade dos processos formativos e se alinha aos ideais de desemparedamento. A turma do 4ºA, sob condução do professor Edward de A. Campanario Neto, experimentaria, de forma ímpar, o amadurecimento dessas concepções a partir de inúmeras propostas desemparedadas, sendo a mais marcante a Rota da Indústria da Vila Arens.

A ROTA DA INDÚSTRIA DA VILA ARENS

As práticas de ensino e de aprendizagem baseadas no desemparedamento gradualmente ganharam destaque, respondendo a várias demandas crescentes. Ficou evidente que os espaços externos dentro da escola, embora ricos em potencial, não eram suficientes para certas vivências e conhecimentos complexos. Essas experiências levaram a reflexões sobre a necessidade de expandir além desses espaços, aglutinando a escola como parte integral do território do bairro e envolvendo seus atores de maneira perceptível nessa simbiose.

Tal necessidade surgiu da abordagem do Currículo Jundiaense (Jundiaí, 2022), especialmente nos eixos de História e Geografia, que exigem a compreensão de fenômenos sociais e humanos a partir de territórios além da escola que compõem objetos de conhecimento locais. Esses espaços, tradicionalmente considerados inacessíveis ou hostis, foram

explorados para atender às demandas educacionais. Essa mentalidade, em linhas gerais, observa-se tanto nas famílias quanto no meio docente, de modo que conceber as ruas, as construções e o trânsito de pessoas e veículos como instrumentos de aprendizado poder-se-ia manifestar como zona de conflito, oposição e desinteresse.

Compreender as transformações históricas de um local envolve perceber um conjunto complexo de relações que moldaram o estado atual dos espaços que habitamos. Nem sempre essas mudanças são evidentes para os residentes contemporâneos de uma cidade ou um bairro, exigindo uma investigação detalhada por meio de uma variedade de documentos. Esses documentos vão além de registros escritos, englobando monumentos, arquitetura, paisagem e pessoas, que compõem a história e podem elucidar os eventos passados de forma mais completa.

No ensino de História nos Anos Iniciais, as experiências se tornam mais ricas quando incluem atividades práticas relacionadas ao tema estudado. O conceito de Desemparedamento da Escola oferece uma abordagem teórico-metodológica que integra teoria e prática. No 4º ano do Ensino Fundamental, temas como a industrialização no Brasil, a expansão urbana de Jundiaí com a chegada das ferrovias e as indústrias no fim do século 19 e os processos de migração e imigração são abordados para criar vivências que conectam os estudantes com a história local e nacional.

Todos esses saberes, em uma multiplicidade de linguagens – agora sob à luz não da necessidade de se desemparedar a escola, mas na convicção de fazê-lo – estavam acessíveis nas marcas e múltiplas linguagens manifestas no bairro da Vila Arens, primeiro núcleo industrial de Jundiaí e palco inicial de seu processo de urbanização. Localizado no entorno da unidade escolar, era o território natural a ser prescrutado numa jornada de aprendizado, cujos atores centrais seriam as crianças em sua capacidade investigativa, analisando mudanças e permanências da História no movimento dinâmico das identidades que fizeram e, portanto, fazem a cidade.

Estimulado por essas reflexões, ao professor coube um movimento prévio de pesquisa e levantamento dos objetos de conhecimento e dos espaços que pudessem ser explorados pelo bairro da Vila Arens. Num movimento de comunicação com o Departamento de Patrimônio Histórico (DPH), vislumbrou-se a possibilidade de conduzir a turma do quarto ano para vivenciar a já existente rota guiada por educadores desse departamento. O programa, ligado à Unidade de Gestão da Cultura (UGC), incluía uma caminhada pelo bairro com discussões sobre o papel da indústria na transformação da Vila Arens e na mudança de Jundiá de um núcleo rural para uma cidade em expansão.

A rota inicialmente planejada era destinada apenas a adultos, o que exigiu do professor ajustes significativos para adequar o trajeto à faixa etária dos estudantes, representando um desafio conjunto. Após reflexões, foi definido um trajeto a pé começando na estação ferroviária, passando por vilas operárias em direção ao Complexo Argos (antiga fábrica de tecidos), pelo Centro Internacional de Estudos, Memórias e Pesquisas da Infância (Ciempi), antes uma creche e centro comunitário ligado à Argos, e culminando na Fábrica das Infâncias Japy, um espaço de brincadeiras no antigo prédio da Tecelagem Japy.

Os objetivos incluíam conhecer o papel do desenvolvimento industrial em Jundiá, as condições de trabalho nas primeiras fábricas da Vila Arens, identificar as transformações urbanas envolvendo trabalhadores imigrantes, relacionar o desenvolvimento das ferrovias com a indústria nacional emergente e reconhecer o pioneirismo das indústrias de tecelagem no desenvolvimento de Jundiá.

Os limites pedagógicos da rota foram definidos, restando planejar sua execução prática. Após diálogos com as gestoras da unidade escolar, optou-se pela utilização dos ônibus de linha que circulam pelo bairro. Essa prática já era familiar à escola e agora seria aplicada no contexto das propostas de desemparedamento.

Para que os familiares pudessem conhecer a vivência e dialogar com os estudantes sobre o tema, o professor propôs a criação de um livreto impresso. Esse livreto serviria como guia da proposta, permitindo que tanto os familiares quanto as crianças pudessem refazer a rota por meios digitais. Para isso, foram utilizadas fotos de cada espaço visitado (contemporâneas e passadas), com recurso de *QR Codes* para acesso ao percurso via ferramenta *Google Maps*. Aproveitando a natureza do material, o livreto tomou forma de um material paradidático, explorando cada aspecto dos objetos do conhecimento cogitados pela rota, sendo entregue para consulta durante o percurso e retomado em momentos posteriores na sala de aula e junto às famílias.

A turma do 4º A, composta por trinta e cinco estudantes, no turno da manhã, acompanhada pelo professor e pela gestão da escola, pegou a linha 514 da Vila Nambi em direção à Vila Arens. Eles desceram no terminal do bairro, levando um livreto referencial e um folheto-guia com o percurso indicado até a estação ferroviária para iniciar o trajeto a pé. As famílias foram previamente comunicadas e houve expressiva adesão. As crianças deixaram a escola em direção ao ponto de ônibus e aguardaram.

Tamanha foi a ansiedade pelo ônibus. Quando elas embarcaram, houve surpresa entre os passageiros, que observavam, curiosos, a presença dos meninos e das meninas, todos uniformizados. Alguns perguntavam o que estava acontecendo e conversavam com as crianças. Naquele momento, foi possível observar o papel educativo da escola: se a criança está nela e aprende com e por ela, pode estar em qualquer espaço; elas se portaram tal qual os valores cotidianamente desenvolvidos, com respeito e cordialidade em todo o trajeto, o que gerou comentários positivos pelos passageiros do coletivo.

As crianças chegaram ao terminal sem incidentes, apesar da leve garoa. Na estação, foram recebidas pelo diretor do DPH, Elizeu Franco, e pelo educador social Denilson André. Tiveram acesso exclusivo ao

interior da estação, onde os guias explicaram sua história. Os estudantes participaram ativamente, fazendo comentários e observações. A atividade incluiu a comparação do espaço com imagens de épocas passadas, utilizando o livreto e materiais fornecidos pelos guias para compreender as mudanças ao longo do tempo nos espaços visitados, explorando as dinâmicas históricas que moldaram essas transformações.

Durante a visita à estação, uma chuva intensa começou fazendo com que o grupo aguardasse até que diminuísse. Os profissionais da UGC aproveitaram o tempo para explicar o processo de implantação e expansão da ferrovia e suas consequências históricas para a cidade, enquanto os estudantes participavam ativamente com perguntas. Quando a chuva deu uma trégua, o grupo seguiu para a Fábrica das Infâncias, próximo destino no roteiro, onde as crianças aprenderam sobre o espaço e tiveram tempo para brincar. Devido à persistência da garoa, retornaram à escola utilizando um ônibus disponibilizado pelo DPH, em vez de o ônibus de linha. Um replanejamento foi realizado e uma segunda saída foi agendada para visitar os locais planejados, incluindo vilas operárias, o Ciempi e o Complexo Argos. Durante essa visita, as crianças tiveram a oportunidade de encontrar o prefeito Luiz Fernando Machado, que as recebeu calorosamente, deixando todos muito felizes.

No final da vivência, uma aventura inesperada marcou o retorno para a escola. Após esperar por um longo período pela linha 514, descobriu-se que o ônibus não passava mais no ponto habitual, devido a uma recente alteração de rota. Houve uma corrida frenética em direção ao terminal, com todas as crianças uniformizadas “invadindo” o local como em uma maratona, conseguindo finalmente pegar o transporte público e retornar à escola.

Por fim, sob a avaliação da proposta pode se ver sua efetividade. As crianças demonstraram conhecimentos antes, durante e depois de sua execução, realizando conexões com temas estudados, inclusive avançando para temáticas relacionadas que não haviam sido cogitadas.

As famílias ficaram satisfeitas com a empolgação trazida pelas crianças, e o DPH, considerando seus projetos de educação patrimonial, adotou a mesma rota como oferta para outras escolas do município. A experiência da turma do 4º A serviu como referência para a criação de novas rotas, expandindo o aprendizado da sala de aula para as ruas. Por meio do diálogo intersetorial, cruzou fronteiras pelo desemparedamento: os limites da EMEB Janet abraçaram toda Jundiá!

Essa vivência foi um marco importante na vida das crianças, destacando a importância do território como meio de pesquisa e permitindo que elas assumissem protagonismo em sua aprendizagem. O processo integrou-se organicamente ao currículo, promovendo um diálogo ativo com o território urbano e ressignificando conceitos complexos como cidadania, ética e inserção no mundo. O foco na Vila Arens abriu novas perspectivas, revelando espaços de direitos, promovendo o contato com a comunidade e incentivando uma reflexão contínua sobre as identidades e contradições do território. Apesar das ações ousadas envolvidas, o projeto enfatizou a caminhada contínua em direção ao conhecimento, essencial para o ser humano.



Acesse os *QR Codes* para conhecer um pouco mais sobre a nossa escola, ler os depoimentos dos estudantes e apreciar algumas imagens da nossa aventura!





Acervo da EMEB Prof. Jânio da Silva Quadros.

O BAIRRO DA NOSSA ESCOLA

Fernanda Facione de Oliveira Carboneri¹
Priscila Cristina Peroni Pereira²

¹Autora do relato, professora de Educação Básica I na rede municipal de Jundiaí, graduada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Gestão da Educação e Educação Inclusiva.

²Leitora crítica do relato, professora de Educação Básica, atuando como coordenadora pedagógica de Educação Básica I na rede municipal de Jundiaí, graduada em Pedagogia e pós-graduada em Neuropsicopedagogia e Arte e Educação.

A EMEB Professor Jânio da Silva Quadros, escola onde foi realizado o projeto O Bairro da Nossa Escola, atende aos segmentos da Educação Infantil I e II, sendo grupos 3, 4 e 5. Inaugurada em 1992, está inserida no perímetro urbano do Parque Residencial Eloy Chaves, localizado no Vetor Oeste, do município de Jundiaí. O bairro surgiu em meados da década de 1970, com a construção de casas populares padronizadas. Atualmente, evoluiu de um local com infraestrutura básica para uma área completa e bem desenvolvida, oferecendo uma ampla gama de serviços e comodidades aos seus moradores. Em relatos informais, os primeiros moradores costumam dizer que “o Eloy ficou uma cidade, tem tudo no bairro”.

Como moradora há quarenta e quatro anos, vivi toda a minha infância aqui, e me sinto parte da comunidade. Cresci junto com o bairro, acompanhando sua transformação desde o início. Cada lugar carrega memórias afetivas e sensações que marcaram a minha vida. Em 2006, ingressei na rede municipal de ensino de Jundiaí. Leciono na EMEB Professor Jânio da Silva Quadros há doze anos, e estou, atualmente, com o grupo 5. Durante esse período, um desejo sempre pulsou em meu coração: desenvolver um projeto que levasse as crianças a conhecer a história do bairro, para que pudessem valorizá-lo ainda mais. Com as mudanças e as transformações, percebi que seria uma grande oportunidade de torná-lo um território de aprendizagem significativa, conectando o passado ao presente e construindo um futuro mais consciente e integrado.

A partir do projeto institucional Meu Quintal, Meu Grande Ate-liê, em meio aos sentimentos e às inquietações provocados pelas formações proporcionadas pela Unidade de Gestão de Educação (UGE), desde 2018, com Ana Carol Thomé, e envolvida com os estudos fomentados pelo Centro Internacional de Estudos, Memórias e Pesquisas da Infância (Ciempi), iniciei a escrita do projeto O Bairro da Nossa

Escola, com o grande desafio de considerar as trajetórias que seriam percorridas pelas crianças, promovendo uma educação na qual elas assumissem seu papel de cidadãs desde a infância.

O projeto foi planejado com o apoio da coordenadora pedagógica, tendo como princípios o protagonismo infantil; a escuta da criança; o resgate de memórias; a investigação; e a experimentação e a exploração dos equipamentos sociais. Muitas foram as estratégias e as etapas para garantir o seu desenvolvimento, alinhando-o aos projetos da UGE, ao projeto institucional e englobando os campos de experiências, bem como os direitos de aprendizagem e os indicadores do instrumento avaliativo³, todos em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁴ e o Currículo Jundiense da Educação Infantil⁵.

As crianças foram convidadas a falar onde moravam, qual o bairro, o tipo de moradia, se a casa ficava perto ou distante da escola. Conversei-lhes que, desde muito pequena, moro bem pertinho da escola, e, conforme ia contando sobre algumas vivências pessoais naquele lugar, elas começaram a demonstrar interesse em obter mais conhecimento sobre as características do bairro. A partir dessa escuta atenta, valorizando os interesses e as curiosidades das crianças, foi proposto o estudo sobre os aspectos naturais e culturais, as características e a história do desenvolvimento deste.

Com o objetivo de envolver a família, as crianças realizaram pesquisas levantando informações sobre onde moravam, o bairro em que a escola estava situada e o que elas viam diariamente no trajeto para a escola. A pesquisa contou com a participação de um adulto da família para responder às questões e com a participação da criança para

³Instrumento de monitoramento e avaliação destinado aos grupos 4 e 5 da Educação Infantil II, que tem como objetivo auxiliar o trabalho pedagógico direcionando o olhar para as necessidades de planejamento, avaliação e acompanhamento, em diversas esferas.

⁴Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

⁵Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

registrar o que observava durante o percurso para a escola. No momento das socializações das pesquisas, elas perceberam alguns pontos em comum nos itinerários que realizavam, como, por exemplo, casas, supermercados, adultos levando crianças para escola a pé e de carro, o cachorro que ficava na calçada próximo à escola. Algumas crianças relataram que encontravam a professora uma rua antes de chegar à escola, e descobriram que nem todas moravam no mesmo bairro.

Para que as crianças pudessem relacionar as diferentes paisagens do entorno da escola com seus trajetos, e também perceberem as transformações e as modificações ocorridas no bairro, realizaram-se leituras de livros que abordam diferentes tipos de moradia, comparando as antigas com as atuais, os costumes e os hábitos de antigamente, como brincar na rua, que já foi comum e hoje deixou de ser uma prática cotidiana. Elas demonstraram entusiasmo em obter informações sobre o passado e compará-las com a atualidade. Algumas comentaram sobre a percepção que tiveram do surgimento das construções de apartamentos, uma vez que antigamente a maioria das moradias eram casas. Para enriquecer e ampliar os conhecimentos, a turma assistiu ao vídeo sobre o bairro Eloy Chaves. As crianças observaram os locais e, durante o vídeo, relataram suas experiências, como visitas aos comércios e a outros locais com as famílias. A partir dessas ações, o grupo constatou que o bairro passou por grandes transformações desde a sua origem. Surgiu, então, a ideia de realizar expedições, iniciando pelo entorno da escola.

O desafio de sair com um grupo de crianças de cinco anos é grande, envolvendo muitas questões, como segurança e procedimentos necessários. Em contrapartida, esses momentos se tornam ricas oportunidades de aprendizagem, investigação e descobertas.

Em assembleia, discutimos os procedimentos para andar pela rua. As crianças participaram ativamente, ajudando a construir os combinados e recebendo orientações importantes sobre as regras de trânsito.

A coordenadora pedagógica e eu estávamos conscientes de que:

A aprendizagem ao ar livre promove a realização efetiva de uma proposta de educação integral, potencializando a formação de territórios educativos com a intenção de que tanto a escola quanto os diversos espaços públicos formem um ecossistema educativo, compondo os pilares de uma cidade educadora e amigável à criança (Desemparedamento..., *online*).

Com essas palavras em mente, a expedição foi iniciada. As crianças estavam animadas e curiosas, prontas para explorar o entorno da escola. Durante o percurso, observaram com atenção os comércios, as moradias e os pontos de interesse locais. Elas faziam perguntas, compartilhavam suas observações e comparavam com o que haviam aprendido anteriormente. Reconheceram a creche onde estudaram, mesmo estando em reforma, e relacionaram vivências naquele espaço. Seguimos em frente, e logo avistamos outro local que as crianças reconheceram, a Unidade Básica de Saúde (UBS). Algumas delas relataram que frequentam esse lugar, indo ao médico e ao dentista, e várias disseram que tomam vacinas. Mais adiante vimos a antiga sede da Sociedade Amigos do Parque Eloy Chaves (Sapec)⁶, e uma criança mencionou que sua avó fazia ginástica ali, enquanto outra disse que aquele era o local da igreja que sua família frequentava. A cada passo, percebia-se a importância dessa experiência, as crianças aprendiam sobre o bairro e também desenvolviam um senso de pertencimento e responsabilidade.

⁶Sociedade Amigos do Parque Eloy Chaves, espaço utilizado por diferentes grupos de moradores com diversas finalidades.

O projeto envolveu ativamente as crianças e suas famílias, enriquecendo o processo educativo por meio do compartilhamento de memórias e experiências pessoais. Essa abordagem permitiu que as crianças não só conhecessem mais sobre a história do seu bairro, mas também estreitassem os laços com suas famílias e com a comunidade.

Uma das atividades essenciais foi o envolvimento das crianças ao escutar as histórias de seus familiares, que aumentou significativamente o interesse delas pela história local. Isso foi claramente observado em uma entrevista enviada às famílias para levantar fatos importantes e a relação delas com o bairro, sendo que as perguntas foram elaboradas pelas crianças, com base nas vivências realizadas anteriormente e na curiosidade de conhecer as memórias delas. Em diversas entrevistas, notou-se que muitos pais haviam estudado na EMEB Professor Jânio da Silva Quadros, e outras respostas destacaram o crescimento do bairro e o surgimento de novas moradias e comércios. As crianças ficaram animadas com o fato de seus pais ou parentes terem estudado na mesma escola que elas frequentam. Esse processo de descoberta e conexão foi intensificado pela visita de um antigo morador, que trouxe suas memórias e histórias para compartilhar. Por meio da entrevista e da conversa com ele, as crianças puderam se conectar de maneira significativa com o bairro. Esse momento não só forneceu um aprendizado histórico, mas também fortaleceu o vínculo delas com a comunidade local.

Na etapa seguinte, visitamos a Praça das Mães e o Parque Botânico Eloy Chaves. As crianças saíram da escola com os *tablets*, para tirar fotos do que achassem importante, e depois escolherem uma imagem que representasse o bairro. Caminhando pelas ruas, elas tiveram a oportunidade de resgatar e explorar os sinais de trânsito. Retomei algumas regras com elas, que naquele momento éramos pedestres e que, para atravessarmos a rua, deveríamos utilizar a faixa de segurança. Algumas crianças relataram que já sabiam utilizá-la, enquanto outras mencionaram que, como iam à escola de carro, não a utilizavam para travessia.

Ao chegarmos à Praça das Mães, perguntei às crianças se sabiam por que a praça recebeu esse nome. Elas ficaram curiosas, e expliquei que foi nomeada assim porque antigamente as mães que levavam e buscavam os filhos na Escola Estadual Professora Albertina Fortarel, situada em frente à praça, ficavam conversando enquanto as crianças brincavam, já que o bairro era muito tranquilo. Ao fazer esse relato, percebi o brilho nos olhos de uma criança que me disse: “Eu sempre venho aqui com a minha avó, ela compra brinquedos naquela banca para mim”, relatando um fato vivido por ela e construindo boas memórias. Por meio de indagações sobre as paisagens, as crianças observaram os espaços, a natureza e as árvores, constatando que o local estava limpo e que havia lixeiras para o descarte do lixo. Relatei a elas que a praça não foi sempre assim, explicando que recentemente havia sido revitalizada.

Ao chegar ao Parque Botânico Eloy Chaves, algumas crianças contaram que já tinham ido a esse local com familiares e amigos, enquanto outras estavam ali pela primeira vez. Convidei-as a pensar sobre o que havia no parque que elas já tinham visto em nossa escola ou em outros equipamentos públicos pelos quais passaram anteriormente. Foi uma oportunidade para levantarem hipóteses e estabelecerem relações entre os locais. Elas realizaram a comparação entre os diferentes tipos de árvores e a organização daquele espaço e concluíram que o ponto em comum eram a diversidade dos ambientes, as diferentes paisagens, e que todos os locais serviam para convivência das pessoas. A partir desses relatos tive a certeza de que:

Ao circularem por seus bairros, as crianças apropriam-se desses espaços, vivenciam a experiência de um pertencimento social e comunitário. E, ainda, pode-se pensar em como as crianças reconfiguram e reconstróem esse território e de que forma a apropriação de novos espaços oportuniza a experiência de apropriação e produção de conhecimentos (Carvalho, 2023, p.48).

Na etapa seguinte, realizamos a última expedição pelo bairro, visitando o Campo de Futebol Público Eloy Chaves, conhecido como Campo do Careca⁷, e o parque que a EMEB Irmã Úrsula Gherello utiliza. As crianças registraram mais momentos por meio de fotos nos *tablets* para compor o acervo da turma e posterior eleição da imagem que representaria as expedições realizadas durante o projeto.

Sob o olhar atento e observador das crianças, as fotos foram analisadas e selecionadas. Por meio de votação, elas elegeram aquela que representaria o bairro pintado na tela, sendo escolhida a foto do Parque Botânico Eloy Chaves. Com as telas prontas, as crianças organizaram o mural de exposições para apreciação de toda a comunidade escolar, culminando no encerramento do ano em um sábado letivo⁸. Nesse dia, relataram com detalhes o que vivenciaram, ressignificando processos e memórias durante o desenvolvimento do projeto O Bairro da Nossa Escola: compararam as paisagens antigas com as atuais; falaram da importância de cuidar e preservar o meio em que vivem, bem como do sentimento de pertencimento; e conheceram e utilizaram os equipamentos públicos, levando em consideração o respeito à coletividade e exercendo ações de cidadania, o que causou grande admiração nas famílias.

Dessa forma, concluo que o projeto incentivou as crianças a explorar e zelar pelos equipamentos públicos. Aprenderam a cuidar da “casa comum”, que vai além de suas próprias casas e além dos muros da escola, suscitando o sentimento de pertencimento ao território e também resgatando as memórias dos familiares que frequentaram a EMEB Professor Jânio da Silva Quadros, bem como da comunidade,

⁷Careca é o apelido de um senhor que por muitos anos treinou o time de futebol do Parque Residencial Eloy Chaves e que, nas vésperas do feriado de Natal, vestido de Papai Noel, entregava balas para as crianças do bairro no campo.

⁸O sábado letivo é um dia de aula adicional que complementa a carga horária escolar anual. Conta com a participação de toda a equipe escolar, das crianças, dos familiares e da comunidade. Utilizamos esse sábado para promover atividades diferenciadas, lúdicas, festivas, promovendo a interação de toda a comunidade e para que conheçam o nosso projeto institucional.

conectando gerações e mostrando às crianças que elas fazem parte de uma longa tradição de aprendizado e cidadania no bairro. Destaco que educar para a cidadania desde a infância é essencial para formar indivíduos conscientes e participativos, capazes de contribuir positivamente com a sociedade.

Relato essa experiência com sentimento de gratidão por tudo o que foi realizado e por todos os que participaram e apoiaram o projeto. Espero que ele possa ser expandido e adaptado para outras realidades.



Acesse o *QR Code* para apreciar algumas imagens das nossas expedições.



Acervo EMEB Prof. Vasco Antônio Venchiarutti.

BRINCADEIRAS QUE AQUECEM O CORAÇÃO

Selma Regina de Oliveira¹

¹Autora do relato, diretora de escola efetiva na rede de ensino municipal de Jundiaí desde 2006. Atuou por oito anos como docente e na gestão escolar de escolas públicas. Licenciada em Pedagogia pela UniAnchieta; com especialização em Gestão Educacional pela UniAnchieta; em Direito Educacional pela Faculdade São Luís; em Gestão para o Sucesso Escolar pela Universidade Anhembi Morumbi; e, em Ética, Valores e Cidadania na Escola pela USP.

Ah, a doce lembrança da infância, onde a rua era o nosso playground e a diversão tinha um endereço certo. As Brincadeiras que Aquecem o Coração eram nosso passaporte para um mundo de encanto e aprendizados.

Sandra Maria de Carvalho Piovesan

Ao recebermos o convite para fazer parte deste livro, compartilhamos com a equipe escolar um sentimento de imensa alegria e reconhecimento pelo trabalho realizado.

Desde que assumi a direção da EMEB Prefeito Vasco Antônio Venchiarutti, no ano de 2018, temos vivenciado, como equipe, um intenso processo de estudo, troca de saberes, planejamento e intervenções nos espaços escolares e além de seus muros. Essas experiências nos permitiram apreciar a beleza e superar os desafios das novas concepções e propostas pedagógicas.

Brincadeiras que Aquecem o Coração é uma prática que nasceu desse ambiente de inovação e colaboração. Busca resgatar a infância como um espaço de alegria e aprendizado, envolvendo além das crianças, a equipe escolar e as famílias. Inclínamos nosso olhar para o espaço da rua como um ambiente brincante que desenvolve habilidades sociais, emocionais e cognitivas.

CONTEXTO EDUCACIONAL

A Escola Municipal de Educação Básica (EMEB) Prefeito Vasco Antônio Venchiarutti, localizada no bairro Caxambu, é uma escola dedicada à Educação Infantil II, atendendo a crianças de três a cinco anos, distribuídas em oito turmas.

O bairro Caxambu, situado na região norte do nosso município, é reconhecido pela Festa da Uva, por integrar o Circuito das Frutas e a Rota do Vinho de Jundiá, além de oferecer uma excelente qualidade de

vida. Parte desse território ainda preserva características rurais, embora a urbanização esteja em expansão. Também se destaca como uma área de preservação ambiental, localizada em uma região de mananciais que abrange grande parte da bacia do rio Jundiá Mirim.

A comunidade do Caxambu tem um forte laço de pertencimento ao bairro, que se reflete na escola em carinho e reconhecimento da importância pela educação proporcionada, bem como na participação ativa na vida escolar. Muitos pais, antigos estudantes, expressam orgulho ao verem seus filhos matriculados na mesma escola. A colaboração entre a escola e as famílias é vista como essencial, fortalecendo os laços comunitários e assegurando que as experiências educativas sejam enriquecedoras e transformadoras.

Nessa perspectiva, valorizamos a criança como competente, curiosa e cheia de potência, e adotamos uma abordagem que prioriza o cuidado afetoso e acolhedor, tanto das crianças quanto dos adultos, promovendo o seu desenvolvimento. Buscamos, também, desenvolver a autonomia por meio de propostas que incentivem o movimento livre e a autoexpressão, respeitando o ritmo e as necessidades de cada uma.

O ambiente é considerado um potencializador de aprendizagens, pois acreditamos “que é na relação com e na natureza que as crianças têm as melhores possibilidades para se desenvolverem integralmente” (Thomé, 2023, p. 70). Nesse contexto, a prática pedagógica enfatiza a escuta ativa, a coconstrução do conhecimento, a documentação pedagógica e a colaboração entre educadores, crianças e comunidade (Ferraz, 2023).

A resignificação dos espaços na escola tem sido orientada pela perspectiva de transformar o ambiente escolar em espaços educativos integrados, que promovam maior contato com a natureza e seus elementos, por meio de vivências e experimentações reais. Nessa abordagem, o entorno da escola pode se transformar em uma extensão do ambiente escolar, ampliando não apenas os espaços físicos, mas, sobretudo,

as possibilidades de aprendizagens que esses espaços podem proporcionar, como afirma Carvalho (2023, p. 47): “A cidade apresenta-se também como espaço e tempo de práticas de sociabilidade e de aprendizagem, onde circulam saberes e afetos”.

Desde 2018, a equipe escolar tem se dedicado aos estudos para a reestruturação dos espaços escolares, com foco especial nas áreas externas. A formação proporcionada pelo Instituto Alana foi nossa inspiração inicial, e o livro *Desemparedamento da Infância – A escola como encontro com a natureza*² serviu como nossa base teórica.

Entre 2020 e 2022, participamos de estudos e formações com Beatriz Ferraz sobre contextos investigativos com e na natureza, e com a formadora Ana Carol Thomé reafirmamos os benefícios da educação ao ar livre, a partir da natureza e de um currículo vivo. Além disso, exploramos a importância dos contextos na abordagem de Reggio Emilia, a partir da publicação *Guia de Aprendizagem ao Ar Livre em Jundiaí*³, entre outros recursos que nos subsidiaram para novas intervenções no espaço escolar com intencionalidade pedagógica e para uma melhor compreensão do Desemparedamento da Escola como metodologia de ensino.

Nesse contexto, nasceu o projeto Brincadeiras que Aquecem o Coração.

BRINCADEIRAS QUE AQUECEM O CORAÇÃO

No início de 2023, com o objetivo de ampliar os contextos de aprendizagem externos, a equipe escolar considerou a possibilidade de utilizar a rua como um espaço de brincadeiras. A princípio foi pensado em brincar na calçada ao fundo da escola, mas a ideia foi descartada por não oferecer a segurança necessária. A segunda sugestão foi a de usar o final da rua, que é sem saída, proporcionando um ambiente seguro para as crianças. Essa proposta foi bem aceita, e passamos então a planejar sua implementação.

²Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

³Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

Pensar em resgatar as brincadeiras de rua animou a equipe. Durante a elaboração do plano de ação nos Horários de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), muitas memórias afetivas da infância foram revividas, evidenciando as aprendizagens que permaneceram ao longo da vida. Esses momentos de risadas e lembranças fortaleceram a vontade em proporcionar às crianças experiências similares.

Acreditando na Política Pública Jundiaí, Cidade das Crianças e na metodologia do Desemparedamento da Escola⁴, que enfatizam um ambiente educacional que valoriza o aprendizado ao ar livre, ativo e participativo, comprometemo-nos a criar oportunidades para que nossos estudantes se envolvam ativamente em sua educação. Isso inclui estimular a curiosidade, a criatividade e a autonomia, por meio de ações de protagonismo e participação ativa.

Como parte desse compromisso planejamos aderir ao Programa Ruas de Brincar⁵, uma iniciativa da Unidade de Gestão da Cultura (UGC), que visa resgatar a rua como espaço lúdico e promotor do protagonismo infantil. A UGC prontamente atendeu à nossa solicitação e formalizou a adesão ao programa, que também integrou a comunidade, que reconhece a importância da proposta e recebe nossas crianças com muito carinho.

Temos por objetivo resgatar a rua como um ambiente propício para brincadeiras e interações seguras, transformando-a em um espaço lúdico e protegido. Nesse ambiente, as crianças podem se envolver ativamente em atividades recreativas e educativas, promovendo seu desenvolvimento integral e seu aprendizado por meio da experiência direta e da interação com o ambiente externo. Além da participação ativa das famílias, fortalecendo nossa comunidade escolar.

⁴Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

⁵O programa Ruas de Brincar é uma iniciativa da Prefeitura de Jundiaí que teve início em 2019, como parte do programa municipal Cidade das Crianças, e prevê a retomada do espaço público da rua para o brincar ao ar livre. As ruas são autorizadas para fechamento pelo município, a requerimento dos respectivos moradores, para fins de desenvolvimento de atividades recreativas, jogos, brincadeiras livres, gincanas, atividades socioculturais e outras atividades de caráter lúdico e público.

Definidos nossos objetivos, passamos à elaboração de um planejamento estruturado, que incluiu a definição de propostas e a criação de um cronograma. O planejamento começou com a escuta ativa das crianças, envolvendo-as na escolha das brincadeiras, na organização e no transporte dos materiais. Foi importante possibilitar o brincar livre durante os momentos na rua e a participação de todas as turmas. Parte dessas escolhas e decisões foram realizadas durante as reuniões do Conselhinho⁶ de Estudantes.

As propostas planejadas incluíam atividades lúdicas, jogos, estratégias de diálogo e construção coletiva de perspectivas, promovendo a convivência harmoniosa e a compreensão de normas e de regulamentos. Criamos espaços de aprendizagem que incentivam a participação ativa das crianças na construção conjunta de conhecimento, estimulando habilidades sociais, resolução de conflitos e respeito mútuo, com ênfase nos Campos de Experiências “O eu, o outro e o nós” e “Corpo, gestos e movimentos”, propostos no Currículo Jundiense da Educação Infantil⁷.

Inicialmente, planejamos as brincadeiras na rua quinzenalmente. O grupo de professores de cada período foi responsável por planejar e preparar as propostas, resgatar as brincadeiras de rua da infância com as famílias e convidá-las para participar. As crianças foram organizadas em duas turmas por período, com quarenta minutos de brincadeira para cada turma e um rodízio entre elas, para promover maior interação. A proximidade do local à escola dispensou o apoio da Guarda Municipal.

Nossa primeira saída ocorreu em 25 de setembro de 2023, em parceria com a UGC e com a presença dos monitores do Fora da Casinha – Recreação Inteligente. Na semana seguinte, tivemos nossa primeira experiência sozinhos. As crianças vibraram, e a iniciativa foi aprovada pelas famílias e pela equipe escolar.

⁶Conselhinho de Estudantes é um colegiado da escola formado por representantes escolhidos democraticamente pelos próprios estudantes. Tem por objetivo a escuta das infâncias e constitui um espaço no qual as crianças exercitam a participação, desenvolvem autonomia e ações de protagonismo.

⁷Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

Em nossa primeira avaliação, levantamos a necessidade de um tempo maior para desenvolver as propostas com as crianças, pois elas precisavam conhecer as brincadeiras, aprender suas regras, vivenciá-las, escolher quais gostariam de levar para a rua; sendo assim, decidimos por saídas mensais. No início de 2024, propusemos a unificação das propostas, pois até então o planejamento era realizado por período. A professora de Educação Física passou a fazer esse elo e a realizar as pesquisas com as famílias, apresentar brincadeiras às crianças e ajudá-las a escolher quais brincar na rua. Durante os HTPCs são planejadas as saídas: horários, materiais, brincadeiras escolhidas pelas crianças e quais podemos acrescentar, pois são oferecidas no mínimo cinco ou seis opções diferentes, que proporcionam a tomada de decisões e a vivência nas diversas brincadeiras. A partir dessas informações as professoras das turmas aprofundam as propostas escolhidas e convidam os pais a participar no dia das brincadeiras.

Com um processo de avaliação contínua, envolvendo a equipe escolar, as crianças e as famílias, produzimos uma documentação que nos permite retomar nossos objetivos e avançar. Nas conversas, as crianças discutem as brincadeiras que mais gostaram, as que não participaram e o porquê, as quais gostariam de brincar novamente e as ocorrências. Com a equipe escolar, identificamos pontos positivos e novas intervenções, e as famílias também compartilham sua visão dos momentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Implementamos com sucesso as propostas de atividades na rua e observamos um engajamento entusiástico por parte das crianças, protagonistas nesse processo, desempenhando um papel crucial no planejamento das atividades, exercendo sua autonomia na escolha e na organização das brincadeiras, o que promove a tomada de decisões e fortalece ainda mais a participação ativa no processo educacional. É gratificante ver as crianças sorrirem, correrem e interagirem livremente.

A interação com o ambiente externo vem possibilitando aprendizagens e experiências sensoriais ricas, que são fundamentais para o desenvolvimento integral. As atividades na rua também promovem a socialização e o fortalecimento dos vínculos comunitários, contribuindo para a formação de uma rede de apoio mútuo e para a construção de uma comunidade escolar coesa e colaborativa. As atividades, de natureza coletiva e colaborativa, proporcionam ainda uma rica interação e cooperação entre as crianças.

Outro ponto importante é o engajamento e a participação ativa das famílias e da equipe escolar durante as atividades, evidenciando a alegria em fazer parte desses momentos. As avaliações constantes permitem ajustes e retomadas necessárias ao longo do caminho.

Brincadeiras que Aquecem o Coração é uma prática viva, que solidificamos a cada dia de brincadeiras na rua. Esse processo dinâmico é o que torna a iniciativa bem-sucedida. Trata-se de uma experiência que reforça a potência dos ambientes externos – neste caso, a rua – para proporcionar aprendizagens reais e intencionalmente planejadas.

Finalizo prestando meu respeito e gratidão à equipe escolar por abraçar novos desafios, envolvendo-se com tanto profissionalismo e amor. E à minha parceira de gestão, Sandra Maria de Carvalho Piovesan, que muito contribuiu para a construção deste relato de experiência.



Acesse o *QR Code* para apreciar algumas imagens das brincadeiras que aqueceram nossos corações.





Acervo da EMEB Prof. Naman Tayar.

NINGUÉM DÁ O QUE NÃO TEM: CONHECENDO A COMUNIDADE DO JARDIM SÃO CAMILO

Ellen Lucas Rozante¹

¹Autora do relato, diretora da EMEB Prof. Naman Tayar da rede municipal de ensino de Jundiaí desde 2014. Foi professora da rede pública estadual no Ensino Fundamental e no Médio. Professora e coordenadora do Ensino Superior. Graduada em História e Pedagogia, mestre e doutora em Educação: História, Política, Sociedade pela PUC-SP, com pesquisa sobre educação dos sentidos, impressos escolares, história da educação e formação de professores.

“Ninguém dá o que não tem” é uma expressão muito utilizada, inclusive, é título de música, mas sentir seu real significado... só me aconteceu em 2014. Na realidade, foi um *start* em minha atuação como diretora da EMEB Prof. Naman Tayar e, conseqüentemente, foi o mote para a realização de uma prática de sensibilização dos educadores em 2023, a qual irei relatar adiante.

Quando iniciei na creche, já tinha em meu “currículo” uma extensa formação e pelo menos dezoito anos de atuação em quase todos os segmentos da educação. O único que me faltava, e que nunca imaginei, foi exatamente a Educação Infantil. Logo que cheguei, percebi que, além dos desafios que teria para trabalhar com uma faixa etária tão distante de minha experiência, também teria que lidar com uma comunidade extremamente carente e vulnerável.

Mas, para continuar esta história e torná-la compreensível, primeiro é preciso uma breve descrição da creche e da comunidade atendida por ela. A EMEB Professor Naman Tayar atualmente atende a noventa e duas crianças, de quatro meses a três anos e onze meses de idade, em tempo integral, e está situada no alto de um bairro residencial, com toda a infraestrutura de uma área urbana. A creche tem um prédio principal e um anexo. No prédio principal, temos cinco salas de referência, sala de reunião e tecnologias, ateliê/espço de leitura, refeitório, lavanderia, cozinha, despensa, secretaria, direção e coordenação. No prédio anexo, fica o berçário, o qual conta com sala de referência, um pequeno refeitório com mesas e cadeiras de madeira, parque coberto e brinquedoteca. Os prédios são conectados pelos espaços externos de uso comum e possuem espaço de convivência, duas hortas, parque de madeira, casinha de bonecas, pista de motocas, parque de areia, jardim sensorial e *deck*. Há ainda uma ligação interna com o Centro Esportivo Jardim Ângela²,

²O Centro Esportivo Jardim Ângela não faz parte do prédio escolar, no entanto, existe um portão no parque da escola que possibilita o acesso direto a ele.

local hoje muito utilizado pelas nossas crianças e pela comunidade. Não contamos com amplos espaços de terra, que possibilitem mais contato com a natureza, mas, mesmo assim, aproveitamos cada cantinho, cada “chão”, nos quais sempre encontramos uma plantinha.

A maioria das nossas crianças (70% em média) é proveniente do Jardim São Camilo, e, da nossa pista de motocas, é possível visualizar as casas que se espalham pelo morro. A comunidade do Jardim São Camilo começou sua ocupação em meados da década de 1960, acontecendo de forma irregular, com intenso adensamento populacional e moradias precárias. Hoje, felizmente, há poucas casas de madeira, o que não impede que, em períodos de chuvas, algumas casas de alvenaria estejam em situação de risco e devam ser evacuadas, por conta de possíveis deslizamentos.

Em muitas moradias, não há saneamento básico, a energia elétrica é decorrente de “gatos”³, as vielas são estreitas e tortuosas e, em dias de chuva, há lugares que se tornam verdadeiras cachoeiras de lama.

No local, é possível encontrar tanto pessoas que habitam ali desde seu início (na década de 1960) como também uma população flutuante, que aparece em decorrência do tráfico e dos migrantes que vêm em busca de oportunidades que a cidade de Jundiaí oferece e tentam se estabelecer na região. As pessoas da comunidade, principalmente os moradores mais antigos, são combativos e se reúnem por meio das associações, para reivindicar e garantir melhorias. Aliás, este foi outro fato que me impressionou. Dentro de minha parca vivência com moradores de comunidades, sempre acreditei que o sonho deles seria sair do bairro para um local onde houvesse maior desenvolvimento urbano. Logo ficou claro que não é assim; eles me ensinaram a amar o local em que vivem e que a saída não se limita a mudar de endereço, mas sim lutar para transformar o entorno de sua comunidade.

³Espécie de ligação clandestina na fiação elétrica.

Após essa breve descrição, é possível retornar a fala inicial, “ninguém dá o que não tem”. Em 2014, atendemos a uma família com três crianças, cada uma matriculada em um grupo etário. As crianças tinham muitos piolhos, e, embora estivessem sempre arrumadas, com laços e tranças nos cabelos, os piolhos não cessavam. Lembro que agendei várias conversas com a mãe, e a questão não se resolvia. Toda a equipe ficava consternada com a situação. A mãe mal nos olhava quando vinha à escola, e, quando era chamada para conversar, não tirava os olhos do celular, não nos encarava. Sempre com o semblante carregado, apenas argumentava que o sangue das filhas era doce, e, portanto, não conseguia eliminar os piolhos.

Depois de várias tentativas, acionei a Unidade Básica de Saúde (UBS) e as agentes comunitárias para visitar a família e instruí-la no que deveriam fazer. Para minha surpresa, uma delas conhecia bem a história da mãe e me contou que ela viveu a vida em instituições, sem família. A mãe cuidava com muito asseio da casa e das crianças, mas o piolho para ela não era uma questão, pois, em toda a sua infância, isso era uma constante. Naquele momento, percebi que, para ela, aquilo era normal – era sua realidade. “Ninguém dá o que não tem.” E o que eu havia feito até o momento? Apenas havia afastado ainda mais essa mãe. O que eu julgava ser má vontade, na realidade, era desconfiança. Como ela iria confiar em mais uma instituição que só cobrava? Onde estava a nossa empatia e o nosso acolhimento? Mudei tudo, passei a conversar com ela sobre outros assuntos, sobre sua casa, as tranças que gostava de fazer nas crianças, enfim, assuntos aleatórios. E, assim, ela foi se achegando. Depois de um tempo, já entrava sorrindo, olhava nos olhos. O caso dos piolhos se resolveu? Não, foi amenizado em alguns momentos, mas sempre estava lá. No entanto, a mãe passou a confiar na escola, a ponto de, após as crianças crescerem e irem para outro segmento, ela voltar algumas vezes para mostrar como as crianças estavam e ainda contar histórias sobre o local onde morava.

Essa história sempre moveu as minhas ações, e não poderia ser diferente quando, após a pandemia, foi iniciado o processo de Desemparedamento da Escola. Para a Educação Infantil em Jundiá, esse processo pode parecer natural, uma vez que brincar é conteúdo e estar fora da sala de referência é algo que já fazia parte de nosso cotidiano. Porém, reduzir o desemparedamento a “sair da sala” seria utilizar a abordagem de forma simplista. Para Piorski (2023),

Desemparedar não seria, antes do ato (livrar-se das paredes), um estado? Um estado gerado pelo sincero reconhecimento de que o espaço aberto às crianças só se fará amplitude (onírica, cultural, ambiental, política, comunitária) se souber aderir à maior qualidade do tempo, à sua força de ensinância, sua lentidão. Desemparedar, como um estado, é experienciar o espaço intenso que vive entre o espaço físico (desemparedado) e a criança. Tal espaço permite a emersão da natureza (contínuo ato criador) no tempo, permite contato da criança com o vital e seu modo peculiar de se dar a conhecer. Permite à criança o diálogo com a forma matriz de desenvolver saber. Quem atua no entre são as forças naturais, são os inteligíveis da natureza (p. 23).

No entanto, a questão que consumia a mim e a coordenadora da unidade, Cibele⁴, era: “Como sensibilizar a equipe para a necessidade de desemparedar a criança, que superasse a simples visão de sair da sala para brincar no parque e evidenciasse uma abordagem de qualidade junto à natureza e ainda utilizar o centro esportivo ao lado da escola?”. Havia muitos questionamentos e inseguranças, mas o que mais me afligia era a falta de sentido

⁴Cibele Silva Rizzato é coordenadora pedagógica da unidade desde 2021. Atua como professora da rede municipal de ensino de Jundiá desde 2006, tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental. Também já foi coordenadora pedagógica de Educação Básica e supervisora do Centro de Formação.

nas ações. Parafraseando Weber (2002), “só há mudanças se o indivíduo vê sentido e finalidade para a sua ação, o fazer por fazer não gera mudança”.

Foi então que me lembrei de que “ninguém dá o que não tem”. Os estudos e as reflexões eram importantes para a equipe, mas precisávamos realmente conhecer as crianças e vivenciar um pouco de suas vidas para entender que nossas ações faziam sentido. Nesse momento, entrei em contato com o líder comunitário do bairro, Jensen Silva, para pedir uma visita guiada pelo Jardim São Camilo, com o intuito de proporcionar uma vivência de imersão ao bairro por meio de uma caminhada. Acreditávamos que, dessa forma, a equipe poderia ter completa noção de como nossas crianças viviam, e assim despertar para a empatia, o acolhimento e o real sentido de desemparedar nossas crianças conforme a proposta pedagógica⁵.

Jensen prontamente aceitou a proposta e combinamos o roteiro. Também combinamos que, caso chovesse, iríamos do mesmo jeito, pois queríamos uma imersão completa na realidade de nossas crianças. Na data marcada, o céu estava parcialmente encoberto, alternando momentos de garoa e sol. Iniciamos então nossa caminhada na escola. Passamos pelo centro esportivo e adentramos na comunidade.

A visita mostrou desde as vielas tortuosas, o encanamento (ou a falta dele) exposto, o esgoto livre, os pontos de tráfico, os locais de risco de deslizamentos (os quais já causaram vítimas), o comércio local até as obras iniciadas pelo poder público para melhorias no bairro, com praças, horta comunitária, mirante e até um elevador⁶. Porém, no momento, as crianças moradoras do bairro não contam com espaços onde possam correr e brincar. As vielas são tortuosas, há várias

⁵Proposta pedagógica do município de Jundiaí – **Desemparedamento da Escola: a qualidade do ensino nos contextos do Programa Escola Inovadora** – que está disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

⁶O projeto de melhorias para o bairro prevê a construção de um elevador urbano para conectar a parte alta à baixa. Além das intervenções em mobilidade e acessibilidade, o espaço terá áreas de convivência, churrasqueira, pista de skate e banheiros públicos, paisagismo, arborização e intervenções de desenho da via, para ampliar a segurança viária, como faixa elevada para pedestres.

escadarias (algumas improvisadas) que tornam o caminho difícil e perigoso. As poucas ruas são muito movimentadas, e infelizmente há lugares com acúmulo de lixo, já que o caminhão de coleta tem dificuldades para passar no local (reclamação antiga dos moradores), tornando-o insalubre para as crianças. O bairro conta com um parque de madeira, mas, infelizmente, este estava necessitando de vários reparos, e, portanto, também não era possível brincar ali.

A caminhada durou cerca de duas horas, e, no retorno, pudemos refletir e compartilhar nossas impressões. A equipe pôde observar que as crianças não tinham praticamente nenhum contato com a natureza, e, por conta das vielas, também era difícil brincar do lado de fora, o que pode intensificar o uso de telas para entreter essas crianças quando estão em casa. Também foi notado que, por conta da precariedade das vielas, seria impossível a escola utilizar esse espaço urbano (mesmo o parque de madeira).

A partir das reflexões, várias ações foram colocadas em prática. O centro esportivo foi percebido como um espaço com grandes potencialidades educativas. A equipe compreendeu que o contato com a comunidade que o utiliza não é diferente do contato que as crianças já têm com seu próprio bairro, fato que se mostrava como empecilho e que, na realidade, era um potencializador.

Apesar de os nossos espaços não serem amplos como desejávamos, a equipe pôde planejar e criar contextos mais significativos, envolvendo elementos da natureza, criando desafios corporais, propiciando que as crianças experienciassem a vida de forma natural e onírica, mas também concreta.

Hoje, cada canto é valorizado com uma plantinha, e sempre tem uma criança que cuida e investiga, conectando-se, assim, com a natureza. Os bichinhos são respeitados e muitas vezes levados para a sala de referência, seja para observar a borboleta sair de seu casulo, seja para observar as partes da aranha no microscópio da escola

Os cozinheiros, que participaram da visita, perceberam a importância das plantas alimentícias não convencionais (PANCs) na alimentação e passaram a utilizá-las em suas preparações, não apenas as enviadas pelo Departamento de Nutrição da Unidade de Gestão de Educação (UGE), mas também as cultivadas pelas crianças na unidade escolar. Os agentes de serviços operacionais⁷ não se incomodam com a sujeira do chão, passaram a entendê-la como marcas de uma infância feliz, em contato com os elementos naturais.

A partir de reflexões junto à equipe, percebo que ainda há muito “terreno” a ser conquistado para desbravar o real sentido do desemparedamento. Muitos são os desafios impostos pelo cotidiano. No entanto, acredito que o caminho está sedimentado, e que priorizar a criança como sujeito de direitos, produtora de cultura e protagonista de seu processo educativo, valorizando suas experiências e seu contato com a natureza (Jundiá, 2022), nunca é um fim em si mesmo. Esse trilhar deve ser constante.



Acesse os QR Codes para conferir as imagens dessa prática e assistir ao depoimento do líder comunitário, Jensen Silva.

⁷Servidores municipais e/ou terceirizados que organizam e prestam apoio na limpeza e na organização dos espaços, a fim de contribuir para que o ambiente escolar possa receber adequadamente a comunidade escolar, zelando por sua conservação.

CAPÍTULO 3



O DESEMPAREDAMENTO DA ESCOLA E A TECNOLOGIA DIGITAL

A aprendizagem pode, portanto, ocorrer com a participação e utilização das tecnologias digitais, mas não somente por meio delas. O mais importante será o papel que os estudantes desempenharão no processo planejado pelo professor, além dos elementos considerados que farão parte da experiência de aprendizagem desenhada, como os recursos utilizados e o espaço escolar escolhido.

Fernando Trevisani

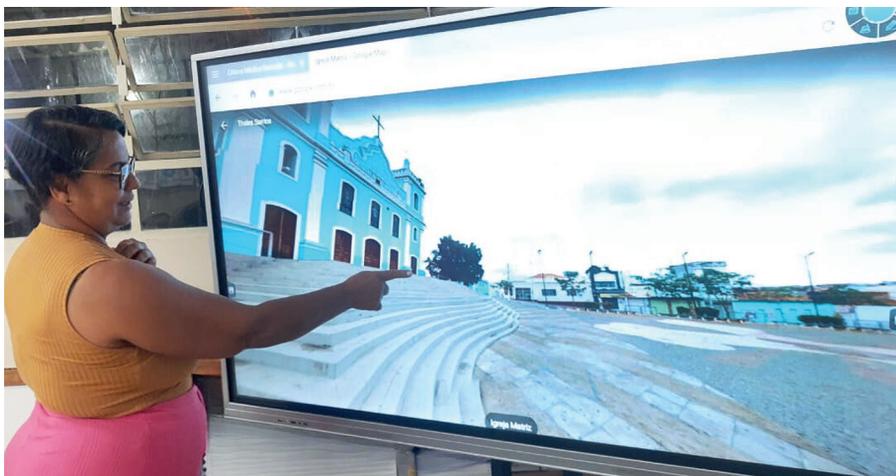
A modalidade “Desemparedamento da Escola e a Tecnologia Digital”¹, especialmente por meio da realidade virtual (RV), e o tour virtual 360 graus oferecem a possibilidade de expansão da educação integral nas situações em que não é possível estar fisicamente presente em espaços como museus, monumentos históricos e outros locais de relevância cultural e histórica.

A realidade virtual proporciona uma experiência imersiva que ultrapassa as barreiras do espaço e do tempo, permitindo a exploração de lugares remotos e inacessíveis. Com o recurso dos óculos de realidade virtual, por exemplo, podemos visitar virtualmente museus, sítios arqueológicos e monumentos históricos, vivenciando uma experiência que se assemelha à visita presencial.

O tour virtual 360 graus, por sua vez, proporciona uma abordagem mais acessível e interativa, pois oferece navegação por um ambiente virtual em que se pode escolher seu próprio percurso e explorar detalhes específicos à medida de seus interesses. Essa interatividade não apenas estimula a criatividade, mas também promove o pensamento crítico à medida que decidimos quais elementos desejamos explorar mais profundamente.

Cabe aqui ressaltar que essa modalidade de Desemparedamento da Escola apenas se torna interessante quando os espaços e os saberes a ser compartilhados com os estudantes não puderem ser acessados de forma presencial.

¹Modalidade da metodologia do Desemparedamento da Escola, em Desemparedamento da Escola: a qualidade do ensino nos contextos do Programa Escola Inovadora, p.146. Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.



Acervo do Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos – CMEJA.

A NOSSA HISTÓRIA É COMPOSTA POR SONHOS QUE NOS DESAFIAM A IR, VIR, INSISTIR E SEGUIR!

Ana Paula Sanite Ártico¹
Fernanda Mesquita²

¹ Autora do relato, natural de Araçatuba, professora efetiva nas redes municipal e estadual em Jundiá. Formada pelo Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefam, Araçatuba), graduada em Matemática e Pedagogia. Atualmente atua como professora unidocente no CMEJA – Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos Prof. Dr. André Franco Montoro e na Escola Estadual Coronel Siqueira Moraes.

² Leitora crítica do relato. Professora efetiva na rede municipal de ensino de Jundiá. Atualmente, é coordenadora pedagógica no CMEJA – Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos Prof. Dr. André Franco Montoro. Graduada em Estudos Sociais e Pedagogia, apaixonada por alfabetização. Natural de Petrópolis, no Rio de Janeiro, mas jundiáense de coração.

O projeto A Nossa História É Composta por Sonhos que Nos Desafiam a Ir, Vir, Insistir e Seguir! está sendo realizado na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), com classe composta por dezoito estudantes matriculados no período noturno, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, com quantidade equivalente de homens e mulheres. Essa turma faz parte do núcleo descentralizado na EMEB Ivo de Bona, localizada no bairro Parque Residencial Almerinda Chaves, da cidade de Jundiá, onde a migração é uma característica muito grande dos moradores do local, além de ser um bairro tranquilo.

A ideia para a realização desse projeto surgiu durante o momento da merenda, quando eu, sentada à mesa com a turma, ouvi uma estudante, muito feliz, contar que havia conseguido visitar sua família em Alagoas. Os colegas a ouviam com muita atenção e interesse, e ela fez questão de relatar detalhadamente como foi reencontrar sua família e visitar os locais que frequentava quando ainda era jovem na sua cidade. Ela contou da casa que morava quando criança, das mudanças que precisou fazer até chegar à casa em que a família mora hoje, da escola que estudava que ainda existe, do cinema que hoje foi substituído por uma loja de departamento, entre outras transformações.

Momentos como esse evidenciam o quanto a pedagogia da escuta, desenvolvida por Lóris Malaguzzi, é necessária no dia a dia da escola. A escuta atenta e sensível proporciona a criação de vínculo, estabelece confiança, evidencia potencialidades e fragilidades, além de possibilitar que o relacionamento professor-estudante se estabeleça de maneira mais saudável com o exercício de uma comunicação assertiva, acompanhada de compreensão mútua e desenvolvimento de habilidades socioemocionais e cognitivas.

Percebi a alegria com que ela fazia o relato, a atenção cuidadosa dos colegas ao ouvi-la e o acolhimento caloroso da turma. Pensei então o quão interessante seria se pudessem visitar os locais que a colega estava descrevendo. A partir da minha intencionalidade pedagógica, eu poderia promover,

por meio da metodologia do Desemparedamento da Escola na modalidade “Tecnologia Digital”, que os estudantes se deslocassem para o local, pois “a realidade virtual proporciona uma experiência imersiva que ultrapassa as barreiras do espaço e do tempo, permitindo a exploração de lugares remotos e inacessíveis” (Ricci, *et al.*, 2023, p. 161). Foi então que pensei que a plataforma *Google Maps*, junto ao recurso *Street View*, poderiam ser ótimas ferramentas para que os estudantes pudessem “viajar juntos” não só ouvindo o relato da colega, como “estando” nos locais por ela citados. Realizei uma avaliação diagnóstica oral e constatei que apenas dois estudantes da turma já haviam ouvido falar dessas tecnologias, mas não sabiam utilizá-las. O restante da turma não conhecia nem tinha ouvido falar.

Refletindo sobre como organizar essa proposta com intencionalidade pedagógica, e considerando a quinta competência geral da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que preconiza... “compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo escolares)” (Brasil, 2018, p. 9), conclui que as tecnologias digitais, principalmente as de uso mais facilitado e comuns, seriam o recurso digital ideal no desenvolvimento dessa proposta.

Era necessário também, considerar o Currículo Jundiense da Educação de Jovens e Adulto³, sendo este um documento norteador para o planejamento pedagógico. Sendo assim, foram elencadas algumas habilidades, as quais podemos destacar: “Escrever espontaneamente ou por ditado palavras e frases de forma alfabética – usando letras/grafemas que representam fonemas”; “identificar e reproduzir em listas... digitais ou impressas a formatação e a diagramação específica desse gênero”; “avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito e em suas práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção

³Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

de discursos em ambiente digital”; e ainda a habilidade que consta na BNCC: “Explicar como os processos naturais e históricos atuam na produção e na mudança das paisagens naturais e antrópicas nos seus lugares de vivência, comparando-os a outros lugares”. Além das habilidades, destaque, também, os objetivos de aprendizagem que foram priorizados: reflexão sobre o sistema de escrita alfabética, produção de listas conforme a estrutura do próprio gênero; compreensão e explicação de como a ação humana e da natureza transforma a paisagem ao longo do tempo; reconhecimento da importância da tecnologia para os dias atuais.

Compreendi que seria necessário organizar uma agenda na escola para o uso da TV de tela interativa e dos *Chromebooks*. Foi então que levei a proposta para a coordenadora pedagógica, Fernanda Mesquita, que apreciou a ideia. A partir de então, ganhei uma parceira na realização do projeto. Durante todo o processo, conversamos, trocamos ideias e foi muito enriquecedor ter mais uma pessoa para colaborar no desenvolvimento das propostas.

Logo realizei uma roda de conversa com os estudantes e um levantamento sobre suas cidades e seus estados de origem. Nesse momento, constatei que tínhamos doze cidades, representando quatro estados, em quatro das cinco regiões brasileiras. Uma outra etapa foi recolher o endereço da casa em que os estudantes moravam para realizar uma pesquisa prévia no *Google Maps*. Observei, nesse momento, que nem todos se lembravam do nome da rua, mas todos sabiam a cidade e o ponto de referência para a localização de suas antigas casas.

Durante a pesquisa, constatei que nem todos os endereços ou os pontos de referência tinham registro na plataforma, mas todas as cidades, sim. Sendo assim, alguns estudantes não conseguiriam mostrar sua casa, mas compartilhariam vivência em diferentes locais das suas cidades.

Foi então que marcamos nossa “viagem"! Sendo eu também migrante, e com o objetivo de apresentar a plataforma *Google Maps* e o recurso

Street View, convidei os estudantes para viajarem comigo até minha cidade natal. Nesse momento, eles tiveram contato inicial com a plataforma, seu manuseio e a possibilidade de desemparedar para onde e quando quiserem por meio das tecnologias digitais. Durante essa proposta, utilizamos a TV de tela interativa e os *Chromebooks* para as “viagens”.

Orientei todos os estudantes a virem para as próximas aulas com disposição para viajar e explorar locais e culturas diferentes das suas. Seria uma viagem de cinco dias, em cada dia quatro ou cinco estudantes levariam seus colegas para sua cidade natal.

Essas viagens foram verdadeiramente especiais, repletas de descobertas, compartilhamento de saberes e relatos sobre a história de vida, com situações alegres e tristes, mas enriquecidas por memória afetiva pelos locais visitados como igrejas, praças, ruas, residências; vivências lembradas como o namoro, o casamento e as brincadeiras na praça central da cidade; o caminho de ida e volta da escola; o prédio da escola que estudou quando criança...; a casa dos pais, dos tios, dos avós... Uma estudante, ao mostrar a praça que frequentava com os primos, disse sentir o cheiro da pipoca do carrinho do pipoqueiro!

Nessa atividade, utilizamos a tecnologia digital para eliminar barreiras físicas e pudemos viajar para cada cidade natal, compartilhando experiências e saberes, acessamos locais que presencialmente não seriam possíveis com toda a turma, e, por meio da tecnologia, desemparedamos e vivenciamos a história de cada um.

Ao participar dessas propostas, os estudantes também tiveram a oportunidade de desenvolver habilidades sociais, como a capacidade de trabalhar em equipe, resolver problemas, tomar decisões e se comunicar de forma eficaz. Essas competências são fundamentais para o desenvolvimento pessoal e profissional, e prepara os estudantes para os desafios da vida em sociedade (Maestro, 2024, p. 112).

Sendo assim, foi possível desenvolver um trabalho tendo em vista a promoção de uma educação integral e cidadã, pois os estudantes puderam adquirir conhecimentos de lugares e culturas antes desconhecidos, de modo tão peculiar a poderem dar informações sobre tais lugares e até planejarem uma viagem para conhecer o local presencialmente.

Pudemos também nomear, reconhecer e avaliar transformações no espaço geográfico relatados pelos estudantes, tendo em vista que estas são uma consequência das relações sociais estabelecidas entre o homem e o espaço, conforme referenciado no Currículo Jundiaense.

O interesse dos estudantes e o conhecimento sobre a plataforma foi tão significativo, que resultou na ideia de conhecer outros locais em diferentes lugares do mundo. Organizamos então, uma “agência de viagens”, e, nesse momento, apresentei uma nova tecnologia: a realidade virtual.

Dessa forma, passamos para uma nova etapa do projeto: uma pesquisa utilizando os *Chromebooks* para localizar vídeos de tours virtuais em 360 graus dos locais selecionados pelos estudantes. Estamos realizando a pesquisa, selecionando os vídeos e organizando uma tabela contendo as seguintes informações: nome do estudante, país, local a ser visitado e URL do vídeo.

Nas aulas seguintes, individualmente, utilizaremos os óculos de realidade virtual e viajaremos para a França. Lá, visitaremos a Torre Eiffel e o Museu do Louvre. No Rio de Janeiro, visitaremos o Cristo Redentor. Faremos um safári com leões na África, além de um mergulho no fundo do mar, nas Filipinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito importante que o professor tenha “a avaliação da aprendizagem como um recurso pedagógico útil e necessário para auxiliar cada

educador e cada educando na busca e na construção de si mesmo e do seu melhor modo de ser na vida” (Luckesi, 2020).

Com a premissa da necessidade e da importância da avaliação da aprendizagem, estou realizando a avaliação formativa, observando e registrando, durante todo o processo, as dificuldades e os avanços dos estudantes.

Pude avaliar precisamente a aquisição de conhecimentos e desenvolvimento das habilidades, individualmente. Sem surpresa, constatei que cem por cento da turma aprendeu a utilizar a plataforma *Google Maps* e o recurso *Street View* com destreza, utilizando os *Chromebooks*.

Utilizei também, como critério de avaliação, algumas devolutivas, como, por exemplo, do estudante Everaldo Moreira de Freitas, que, durante a aula, me disse: “Professora, cheguei em casa e falei pra minha esposa que tinha ido viajar e ela não acreditou. Falei que a levaria também, pois somos da mesma cidade. Ela não estava entendendo nada! [Risos.] Peguei meu celular, abri o *Google Maps* e, juntos, viajamos para a casa de mainha. Ela ficou emocionada!”. Esse é um exemplo que evidenciou que os estudantes estão sendo protagonistas, autônomos no processo de aquisição de conhecimentos, bem como de desenvolvimento de habilidades, além de ampliarem a interação com os colegas, com a professora e em outros ambientes sociais nos quais convivem.

O projeto A Nossa História É Composta por Sonhos que Nos Desafiam a Ir, Vir, Insistir e Seguir!, tendo em vista a participação, o interesse dos estudantes, bem como os conteúdos e as habilidades do Currículo Jundiáense da EJA, segue alinhado à escuta atenta e sensível dos estudantes, levando-os a refletir sobre os diversos tipos de tecnologias que os rodeiam e seu uso na sociedade e em seu contexto social.

Ser professora na EJA é uma oportunidade enriquecedora e desafiadora, que me permite transformar vidas através da educação.

Paulo Freire (1996, p. 28) afirmou que “ensinar exige rigorosidade metódica”, e na EJA é essencial compreender e respeitar as experiências de vida dos estudantes, para fomentar um processo colaborativo e empoderador. Aprendemos uns com os outros, trilhando juntos um caminho de aprendizado significativo e emancipatório.



Acesse o *QR Code* para acompanhar as imagens das viagens dos nossos estudantes.

POSFÁCIO



DESEMPAREDAMENTO DA ESCOLA: UM OLHAR SOBRE OS RELATOS DE PRÁTICA

Eliane Reame¹

¹Pesquisadora dos movimentos internacionais sobre Classe Dehors (França, Bélgica, Canadá). Coautora do texto “Desemparedamento da Escola no Ensino Fundamental - Anos Iniciais”, da obra Desemparedamento da escola: a qualidade do ensino nos contextos do Programa Escola Inovadora, com organização da Equipe Técnica da Unidade de Gestão de Educação. Formadora de educadores no programa de elaboração e implementação da metodologia do Desemparedamento da Escola, de 2020 a 2023, na rede municipal de educação de Jundiaí. Doutora em Educação na área de Ensino de Ciências e Matemática pela FE/USP. Mestra em Didática pela FE/USP. Licenciada em Pedagogia pela UERJ e em Matemática pelas Faculdades Nove de Julho (com créditos da Licenciatura em Física pela UFRJ). Consultora e assessora na área de Educação e de Ensino de Matemática, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Autora de livros didáticos de Matemática e de formação de professores pela Editora Saraiva e pelo Centro de Aperfeiçoamento do Ensino de Matemática da Universidade de São Paulo (Caem – IME – USP).

Há décadas, vemos surgir nos cenários internacional e nacional pesquisas e práticas escolares com crianças, jovens e adultos sobre a importância e a necessidade de a escola exercer sua complexa função institucional educativa de maneira integrada a diferentes espaços e ambientes.

Historicamente, de início por razões associadas à preservação da saúde, em períodos de guerra e pós-guerra, o movimento de levar os estudantes para fora da escola, para ambientes verdes, em contato direto com o meio ambiente, com a natureza, começou a despertar a atenção de educadores de várias partes do mundo.

Mais recentemente, em um passado ainda presente, a tragédia provocada pela pandemia de covid-19 colocou em xeque, de maneira definitiva, as concepções de que a escola se encerra nela própria. Diante desse cenário, o passado vem se atualizando de acordo com as necessidades e os avanços de diferentes áreas da sociedade. Na educação, a urgência da complementariedade e da integração entre a escola e outros ambientes educativos, externos a ela, reais e presenciais, virtuais e remotos é uma prioridade.

No Brasil, escolas de diferentes regiões desenvolvem práticas pedagógicas, como estudos do meio, criação de hortas e de jardins, visitas a museus, exposições de artes etc., possibilitando o desenvolvimento e as aprendizagens de diferentes naturezas às crianças e aos estudantes, em ambientes externos.

De forma pontual, diversos educadores da rede municipal de ensino de Jundiaí, em São Paulo, realizam práticas pedagógicas em diferentes ambientes educadores há alguns anos. Esse foi e é o tempo, o espaço e o contexto da concepção e da implementação da metodologia do Desemparedamento da Escola em toda a rede municipal de educação de Jundiaí, como política pública educacional. Mesmo antes da implementação do Programa Escola Inovadora², em 2018, os educadores planejavam e

²Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

desenvolviam práticas com os estudantes fora das salas de aula e dos muros das escolas, com o intuito de aproximá-los de ambientes verdes, de espaços naturais, de locais de produção e de manifestação de saberes, da cultura, da economia local, entre outros.

A metodologia do Desemparedamento da Escola, concebida e implementada pelos educadores da rede com o apoio de instituições e profissionais externos, segue os princípios do programa Escola Inovadora e pressupõe a formação integral dos estudantes, na Educação Infantil I (Creche), na Educação Infantil II (Pré-escola), no Ensino Fundamental I (Anos Iniciais) e na Educação de Jovens e Adultos. Ela considera e ressignifica as práticas desenvolvidas por educadores da rede e experienciadas pelas crianças e pelos estudantes há anos, e embasa teórica, metodológica e didaticamente as propostas atuais que estão sendo formuladas e realizadas nas unidades escolares.

Nesta publicação, foram relatadas onze práticas pedagógicas das escolas da rede municipal de ensino, que contemplam características da metodologia do Desemparedamento da Escola.

Os relatos atestam a visão de integração entre a escola e o seu entorno e confirmam a intencionalidade na formação das crianças e dos estudantes, considerando a exploração de diferentes ambientes educadores, complementares à escola. Diferentes práticas que, no conjunto, revelam comprometimento e engajamento com a metodologia e ratificam as concepções sobre a escola como instituição aberta, integrada e indissociável de outros ambientes de produção de saberes, científicos e espontâneos, formais e informais, cognitivos, socioemocionais, socioculturais, entre outros.

Em todo o conjunto de textos, as práticas evidenciam características das modalidades³ de Desemparedamento da Escola “Natureza/Ambiente ao Ar Livre”, “Cidade Educadora” e “Tecnologia Digital”.

³Modalidade da metodologia do Desemparedamento da Escola, em Desemparedamento da Escola: a qualidade do ensino nos contextos do Programa Escola Inovadora, p.140. Disponível para consulta por meio do QR Code da página 141, no fim desta publicação.

A identificação e o reconhecimento da potência dos elementos da natureza e das vivências em espaços verdes naturais para o desenvolvimento e para as aprendizagens das crianças e dos estudantes foram evidenciados em algumas práticas relatadas. De fato, romper as paredes da sala de aula e os muros da escola, reconhecendo os benefícios para a saúde física e mental, a criação de senso de pertencimento e de responsabilidade em relação à preservação do meio ambiente e o desenvolvimento de posturas e de ações sustentáveis sobre os bens de consumo são alguns dos aspectos que associam o Desemparedamento da Escola com a Natureza. A criação de um bosque de investigações e de descobertas; a revitalização dos espaços verdes da escola; a intencionalidade na criação de contextos significativos para a ação de desemparedar as ações docentes, por meio do estudo de abelhas; e o encantamento da relação entre um jardim e a vida das infâncias são exemplos sensíveis e fecundos do movimento de integração entre a escola e a natureza relatados em algumas práticas.

As ideias que envolvem o conceito de “Cidade Educadora”, explicitado em diferentes documentos⁴, foram implícitas ou explicitamente expressas nos relatos de outras práticas. As aprendizagens nos territórios e nos equipamentos sociais do entorno da escola, das ruas, do bairro e da cidade receberam visibilidade por meio das ações voltadas à preservação do meio ambiente, especificamente sobre os estudos da água e do solo, no encontro entre culturas de crianças brasileiras, no percurso das indústrias da Vila Arens, nas ruas do bairro da escola e nas brincadeiras tradicionais que trazem lembranças genuínas de infâncias vividas pelas famílias e pelos educadores.

E, ainda, o conhecimento dos educadores sobre o espaço de moradia e de vivência das crianças e dos estudantes, bem como a relação

⁴De la Lectura de la Carta a la Consolidación de una Ciudad Educadora – Guía Metodológica; e Cidade educadora e emancipação social: o desafio da educação fundamentada numa razão dialógica. Documentos disponíveis para consulta por meio do QR Code da página 141 no fim desta publicação.

de parceria e de complementariedade das famílias na educação deles ganharam visibilidade nos relatos. Informar, ouvir, respeitar e acolher sugestões e críticas das famílias são ações engajadoras, primordiais para a qualidade da formação integral.

Em algumas práticas, foi possível identificar a utilização da “Tecnologia Digital”, especialmente pela realidade virtual, como um recurso que rompe as barreiras físicas e individuais entre as pessoas, favorecendo e potencializando a construção de aprendizagens em ambientes virtuais e coletivos. Diante do atual cenário mundial de indagações críticas sobre o uso da tecnologia na escola, com os seus mais diversos recursos, de maneira indiscriminada e excessiva, as práticas relatadas explicitam as possibilidades da tecnologia no trabalho educativo, de maneira consciente, inclusiva e equitativa. A história de cada estudante formada por memórias, lembranças e sonhos foi compartilhada com a vivência virtual de encontros com pessoas e tempos presentes.

As modalidades da metodologia se integram e se complementam no desenvolvimento e na realização das práticas com as crianças e com os estudantes, como foi possível reconhecer na leitura de cada texto. Ao mesmo tempo, outros aspectos relacionados ao movimento de rompimento das fragmentações que ainda caracterizam o funcionamento da escola, de modo específico, e à educação, de modo geral, também foram contemplados nos relatos.

O reconhecimento da inegável importância da intersectorialidade no município de Jundiá foi outro aspecto que recebeu relevância em algumas práticas. De forma singular e exemplar, as unidades de educação, saúde, cultura, planejamento urbano e meio ambiente, assistência e desenvolvimento social, mobilidade e transporte, segurança municipal, infraestrutura e serviços públicos criaram e desenvolveram ações conjuntas que possibilitam o exercício de práticas desemparedadas. De fato, a corresponsabilidade entre a escola, as famílias e todos os setores da

sociedade devem cada vez mais sustentar ações que visem à qualidade da educação das crianças e dos estudantes.

De modo geral, os relatos foram escritos favorecendo as delicadas e genuínas manifestações de sentimentos e de emoções de cada autor. De certa forma, textos afetivos! Expressões de certezas e dúvidas, de ousadias e receios, de equilíbrio e ansiedade, entre tantas outras, naturalmente possíveis e verdadeiras diante daquilo que é novo e inusitado. Os educadores compartilharam, de modo sensível e crítico, a autoria dos relatos com todos aqueles que experienciaram as práticas. De maneira complementar, a síntese de cada experiência narrada foi o envolvimento e o encantamento com as propostas realizadas, o sentimento de autoria coletiva entre todos os participantes de cada vivência, o reconhecimento do papel que cada educador da rede municipal de Jundiaí e que cada um de nós deve assumir na formação das crianças, dos jovens e dos adultos de nosso país.

A metodologia do Desemparedamento da Escola é um caminho para essa formação. Um percurso que está sendo construído pela rede municipal, por educadores externos, pelas famílias, pela comunidade. Desde seu início, algumas certezas já foram atestadas, bem como vários desafios foram superados. Daqui para a frente, ideias e desafios novos farão parte desse percurso tão nobre e valioso para a educação brasileira.

NOTAS DE RODAPÉ



Escaneie o *QR Code*
para acessar as
publicações mencionadas
nas notas de rodapé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 10 nov. 2024.

CARVALHO, Levindo Diniz. Infâncias, crianças e a educação na cidade. *In*: JUNDIAÍ. **Desemparedamento da escola**: a qualidade do ensino nos contextos do Programa Escola Inovadora/organização Equipe Técnica da Unidade de Gestão de Educação. Americana, SP: Paladar Cultural, 2023.

FERRAZ, Beatriz. Desemparedamento da escola na Educação Infantil – Cidades e escolas promotoras de experiências e vínculos com a natureza. *In*: JUNDIAÍ. **Desemparedamento da escola**: a qualidade do ensino nos contextos do Programa Escola Inovadora. Equipe Técnica da Unidade de Gestão de Educação (org.). Americana, SP: Paladar Cultural, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://nepegeo.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

INSTITUTO ALANA. **Desemparedamento da Infância**. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://alana.org.br/glossario/desemparedamento-da-infancia/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

JUNDIAÍ. **Desemparedamento da escola**: a qualidade do ensino nos contextos do Programa Escola Inovadora. Equipe Técnica da Unidade de Gestão de Educação (org.). Americana, SP: Paladar Cultural, 2023.

JUNDIAÍ. Prefeitura Municipal de Jundiaí. **Diretrizes curriculares da Educação Básica Municipal de Jundiaí, SP**. Ceducamp (org.). Jundiaí, 2016.

JUNDIAÍ. Unidade de Gestão de Educação. **Currículo Jundiaense**. Jundiaí, 2022. Disponível em: <https://educacao.jundiai.sp.gov.br/documentos/curriculo-jundiaiense/> Acesso em: 10 nov. 2024.

LUCKESI, Cipriano. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?**. Nescon, Belo Horizonte: 2000. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2511.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

MAESTRO, Valther. Desemparedamento da Escola e a EJA – caminhos para uma educação significativa. *In: JUNDIAÍ. Desemparedamento da escola: a qualidade do ensino nos contextos do Programa Escola Inovadora*. Equipe Técnica da Unidade de Gestão de Educação (org.). Americana, SP: Paladar Cultural, 2023.

MODERCIN, Isabel F.; ALVES, Rogério M. O.; ZILSE, Gislene A. C. **Abelhas brasileiras sem ferrão: conheça, crie e plante para elas**. Salvador, BA: [s.n.], 2024.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

PIORSKY, Gandhi. A criança, as coisas e o meio. *In: JUNDIAÍ. Desemparedamento da escola: a qualidade do ensino nos contextos do Programa Escola Inovadora*. Equipe Técnica da Unidade de Gestão de Educação (org.). Americana, SP: Paladar Cultural, 2023.

PROENÇA, Maria Alice. **Prática docente: a abordagem de Reggio Emilia e o trabalho com projetos, portfólios e redes formativas**. 1. ed. São Paulo: Panda Educação, 2018.

RICCI, Carolina C. T.; BUENO, Cícera A. E. BOLOGNANI, Marjorie, S. F.; MAGALHÃES, Sílvia C.; NONÔ, Thaís S. Desemparedamento da Escola: proposições para a prática docente. *In: JUNDIAÍ. Desemparedamento da escola: a qualidade do ensino nos contextos do Programa Escola Inovadora*. Equipe Técnica da Unidade de Gestão de Educação (org.). Americana, SP: Paladar Cultural, 2023.

THOMÉ, Ana Carol. Ser criança é natural. *In*: JUNDIAÍ. **Desemparedamento da escola**: a qualidade do ensino nos contextos do Programa Escola Inovadora. Americana, SP: Paladar Cultural, 2023.

TIRIBA, Léa. Crianças da natureza. *In*: **Anais do I Seminário Nacional**: currículo em movimento – perspectivas atuais, Belo Horizonte: nov. 2010. Disponível em: https://www.petedu.ufv.br/wp-content/uploads/2022/03/criancas_natureza_lea_tiriba.pdf. Acesso em: 10 nov. 2024.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.







